

Universidades Lusíada

Costa, Núria Viviana Teixeira da

**Personalidade e Envolvimento com a
Sustentabilidade Global em Adolescente**

<http://hdl.handle.net/11067/4415>

Metadados

Data de Publicação

2018

Resumo

Resumo: A sustentabilidade ambiental é um tema abordado em todo o mundo pela sua extrema importância no impacto que tem na atualidade e no futuro da população humana. Parece pertinente o estudo desta de forma a conhecer características de personalidade que levam o sujeito a apresentar determinado comportamento sustentável. O objetivo deste estudo pretendeu averiguar a correlação entre a personalidade e o envolvimento com as questões da sustentabilidade global em adolescentes. Para o presente e...

Abstract: Environmental sustainability is an issue being addressed throughout the world because of its current and future impact on the human population. It can be argued that understanding the personality characteristics that lead people to behave in a sustainable way is of relevance to the study of this topic. The objective of this study was to investigate the correlation between personality and involvement with issues of global sustainability in adolescents. In total, 405 youths of both sexe...

Palavras Chave

Psicologia, Psicologia clínica, Avaliação psicológica, Teste psicológico - Inventário de Envolvimento com a Sustentabilidade Global (IESG), Teste psicológico - Junior Temperament and Character Inventory (JTCI), Teste psicológico - Temperament and Character Inventory (TCI), Teste psicológico - Sistema de Indicadores de Desenvolvimento Sustentável

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULP-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-20T10:28:43Z com informação proveniente do Repositório

PERSONALIDADE E ENVOLVIMENTO
COM A SUSTENTABILIDADE GLOBAL EM ADOLESCENTES

Dissertação
para a obtenção
do Grau de Mestre em:
Psicologia Clínica



**PERSONALIDADE E ENVOLVIMENTO
COM A SUSTENTABILIDADE GLOBAL
EM ADOLESCENTES**

Núria Viviana Teixeira Costa

PORTO 2018



**Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação**
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

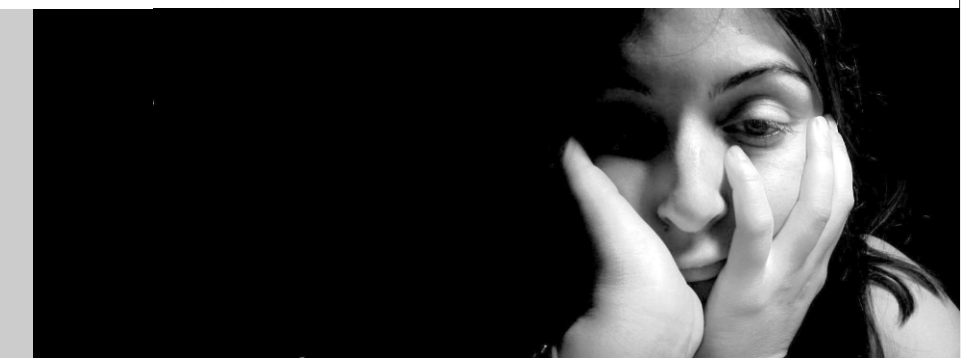


Núria Viviana Teixeira Costa



**Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação**
Universidade Lusíada - Norte (Porto)

Dissertação
para a obtenção
do Grau de Mestre em:
Psicologia Clínica



**PERSONALIDADE E ENVOLVIMENTO
COM A SUSTENTABILIDADE GLOBAL
EM ADOLESCENTES**

Núria Viviana Teixeira Costa

PORTO 2018

ORIENTAÇÃO:
Prof. Doutor Paulo Moreira



**Instituto de Psicologia
e Ciências da Educação**
Universidade Lusíada - Norte (Porto)



PANTONE 151 C

C: 0

M: 48

Y: 95

K: 0

Núria Viviana Teixeira Costa

Personalidade e Envolvimento com a Sustentabilidade Global em Adolescentes

Projeto de Dissertação

Dissertação apresentada ao Instituto De Psicologia e Ciências Da Educação para a candidatura ao Grau de Mestre em Psicologia, na área de especialização de Psicologia Clínica, sob orientação do Doutor Paulo Moreira, Professor do Instituto de Psicologia da Universidade Lusíada do Norte (Porto).

Porto, 2018

Agradecimentos

Com esta etapa finalizada, gostaria de dirigir os meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram para que conseguisse concluir esta etapa tão importante para mim. A todos os meus sinceros agradecimentos.

À minha Avó....Por Ti...sem palavras.

Ao meu avô, o meu fã número 1.

Aos meus pais, António e Paula, por fazerem de mim uma filha amada, realizada e principalmente feliz. Feliz pela família que tenho, por tudo o que ela me dá e por tudo o que ela me desafia a dar.

Ao meu irmão Hugo Costa, és e sempre serás uma parte de mim.

Ao meu companheiro de vida, Jorge Miguel Martins, por todos estes anos, mas principalmente por todos os segundos que dedicas a tornar-me uma pessoa melhor cada vez mais amada.

À D. Manuela Dias e ao Hugo Martins. Não podia ter uma segunda família melhor.

À Sãozinha pelo carinho e ternura.

À Rita Coelho por todo o carinho e ajuda nesta fase. O contributo foi essencial para finalizar esta etapa com sucesso.

À Manuela Ribeiro, à Cristina Santos, à Cristina Soares e ao João Santos pela amizade e carinho.

Ao Dr. Paulo Moreira, orientador da dissertação da Universidade Lusíada do Norte, pela transmissão de saberes e pela exigência constante durante o meu percurso na Universidade, mas também ao longo da escrita desta dissertação, o meu obrigado por todos aqueles momentos de orientação e de ajuda.

À Dra. Joana Oliveira, da Universidade Lusíada do Norte, pelos conhecimentos transmitidos, generosidade e simpatia durante o meu percurso na Universidade.

À Dra. Sara Cruz, da Universidade Lusíada do Norte, pela ajuda prestada e por estar sempre disponível.

Ao Artur Jorge, á Ana Lia, á Carolina e Rafa Soares, á Catarina Teixeira e tantos outros nomes, por toda a ajuda imprescindível para que esta fase da minha vida fosse concluída.

A todas as instituições que me possibilitaram a recolha dos dados para a dissertação. Sem elas, isto não seria possível.

À minha querida amiga Joana Lopes pela amizade, por me ter apoiado nesta fase, por ter partilhado comigo tantos momentos de desespero e frustração mas também pelas alegrias e risadas.

À minha amiga Francisca Arantes por toda a amizade, pelos momentos de alegria, brincadeira e porque sei que podem passar anos que irá ser tudo tal e qual como deve ser...

Ao Nuno Soares, pela colaboração no estudo.

Aos meus colegas de curso, pelos momentos e experiências partilhadas.

A todas as pessoas que estiveram comigo ao longo da vida, de forma direta ou indireta, e que permitiram a conquista desta etapa.

Índice

1. Introdução
 - 1.1 Sustentabilidade Global
 - 1.1.1 Definição de Sustentabilidade Global
 - 1.1.2 Envolvimento dos jovens com questões acerca da sustentabilidade global
 - 1.1.3. Sustentabilidade global em Portugal
 - 1.2 Personalidade
 - 1.2.1 Definições de Personalidade
 - 1.2.2 Grandes Abordagens de Personalidade
 - 1.2.3 Modelo Psicobiológico de Cloninger
 - 1.2.4 Personalidade nos Jovens
 - 1.3 Envolvimento com a Sustentabilidade Global
 - 1.4 Objetivo
 - 1.5 Questões de investigação
 - 1.6 Hipóteses
2. Metodologia
 - 2.1 Participantes
 - 2.2 Instrumentos
 - 2.3 Procedimentos
 - 2.3.1 Recolha de dados
 - 2.3.2 Análise de dados
3. Resultados
 - 3.1 Correlação entre JTCI e IESG
 - 3.2 Correlação entre Idade e JTCI e Idade e IESG
 - 3.3 Diferenças de género
4. Discussão dos resultados
5. Referencias Bibliográficas

Índice de tabelas

Tabela 1. Caracterização da amostra segundo o género dos participantes

Tabela 2. Caracterização da amostra segundo a idade dos participantes

Tabela 3. Caracterização da amostra segundo o ano escolar dos participantes

Tabela 4. Instituição de recolha de amostra

Tabela 5. Escolaridade das Mães

Tabela 6. Escolaridade dos Pais

Tabela 7. Correlações com teste de Pearson entre JTCI e IESG

Tabela 7.1. Correlações com teste de Pearson entre Idade, JTCI e IESG

Tabela 8. Teste t Student para diferenças de médias entre o género ao nível das dimensões do IESG

Lista de abreviaturas

DS- Desenvolvimento Sustentável

EA- Educação Ambiental

IESG- Inventário de Envolvimento com a Sustentabilidade Global

JTCI- Junior Temperament and Character Inventory

OCDE- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

QREN- Quadro de Referência Estratégico Nacional

SA- Sustentabilidade Ambiental

SIDS- Sistema de Indicadores de Desenvolvimento Sustentável

TCI-Temperament and Character Inventory

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Resumo

A sustentabilidade ambiental é um tema abordado em todo o mundo pela sua extrema importância no impacto que tem na atualidade e no futuro da população humana. Parece pertinente o estudo desta de forma a conhecer características de personalidade que levam o sujeito a apresentar determinado comportamento sustentável. O objetivo deste estudo pretendeu averiguar a correlação entre a personalidade e o envolvimento com as questões da sustentabilidade global em adolescentes. Para o presente estudo, participaram 405 jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 10 e os 20 anos. A amostra foi recolhida em algumas escolas e outras instituições da zona norte. Os instrumentos utilizados para esta investigação foram o Inventário de Temperamento e Caráter- versão Júnior (JTIC) de Cloninger (Luby Svrakic, McCallum, Przybeck, & Cloninger, 1999), adaptado para a população portuguesa por Moreira, Cloninger, Azevedo, Sousa, Castro e Cloninger (2012) e o Inventário de Envolvimento com a Sustentabilidade Global-Jovem (IESG-J) de Moreira (2017) que avalia o envolvimento dos jovens com a sustentabilidade global. O tipo de estudo foi realizado segundo Montero & Leon do tipo Expós Facto, retrospectivo, e a análise estatística foi uma análise correlacional de Pearson e teste Tstudent para diferenças de médias, efetuada com o programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS). Os resultados demonstraram que a hipótese de investigação H1 “A Personalidade e o Envolvimento com a Sustentabilidade Global estão relacionados”, foi confirmada visto que existe relação entre os dois instrumentos. Relativamente á H2 sugere a existência de diferenças no Envolvimento com a Sustentabilidade Global dos adolescentes quanto ao género. Por fim, a H3 foi aceite visto que indica que a idade está correlacionada negativamente com o nível de envolvimento com a sustentabilidade global (a idade está associada negativamente ao IESG Total).

Palavras-chave: Personalidade; Envolvimento com Sustentabilidade Ambiental; Adolescentes; Modelo Psicobiológico;

ABSTRACT

Environmental sustainability is an issue being addressed throughout the world because of its current and future impact on the human population. It can be argued that understanding the personality characteristics that lead people to behave in a sustainable way is of relevance to the study of this topic. The objective of this study was to investigate the correlation between personality and involvement with issues of global sustainability in adolescents. In total, 405 youths of both sexes, aged between 10 and 20 years participated in the present study. The sample data was collected in selected schools and other institutions in the north of Portugal. The instruments used for this investigation were the Cloninger's JTIC (Luby Svrakic, McCallum, Przybeck, & Cloninger, 1999), which was adapted to the Portuguese population by Moreira, Cloninger, Azevedo, Sousa, Castro and Cloninger (2012), and Moreira's Youth-Global Sustainability Involvement Inventory (IESG-J; 2017), which assesses youths' involvement with global sustainability. The type of study was performed according to Montero & Leon of the Expós Facto type, retrospective. The statistical analysis carried out was a Pearson correlation analysis and a Student's t-test to analyse differences between means, which were carried out with the Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) program. The results demonstrate that the H1 research hypothesis "Personality and Involvement with Global Sustainability are related" was confirmed since a relationship was found between the two instruments. Regarding H2, the results suggest the existence of gender differences in adolescents' Involvement with Global Sustainability. Finally, H3 was accepted since the results indicate that age is negatively correlated with the level of involvement with global sustainability (age is negatively associated with Total IESG).

Key words: Personality; Involvement with Environmental Sustainability; Adolescents; Psychobiological Model;

1. Introdução

O tema selecionado para a tese de Mestrado fomentou uma ativa pesquisa de forma averiguar a importância do estudo para a população jovem de Portugal. É de salientar que a personalidade associada à sustentabilidade global é uma temática com uma escassa informação, logo torna-se pertinente o estudo. O estudo permite a compreensão da relação entre a personalidade e o envolvimento dos jovens com a sustentabilidade global.

Compreender a relação entre a personalidade e a sustentabilidade é um desafio, no entanto exige uma abordagem séria com objetivo de apurar de que forma a personalidade dos adolescentes portugueses pode influir o envolvimento com as práticas sustentáveis.

Nos dias de hoje, cada vez mais se observa a um meio ambiente degradado e com consequências devastadoras, e para isso torna-se importante fazer uma reflexão sobre as condutas sustentáveis perante o meio ambiente e de que forma estas podem condicionar as seguintes gerações, mas sem esquecer que esta relação também condiciona as gerações atuais e o país envolvente.

Para isso deve-se recuar no tempo, para conhecer as origens da sustentabilidade de um modo geral e depois procurar incidir na sustentabilidade em Portugal. Posteriormente abordar-se-á a sustentabilidade com público-alvo, designadamente os jovens adolescentes. Relativamente à Personalidade, apenas nos focaremos nas abordagens gerais que procuram explicar a Personalidade em função das ideologias que defendem e de seguida passar-se-á a uma tentativa de explicação do modelo de Cloninger, em que se pretende descrever as grandes dimensões correspondentes do Temperamento e do Caráter. Todavia, e como ainda não seria uma explicação completa achou-se necessária uma abordagem à Personalidade dos jovens, sendo que esta população foi a eleita para o presente estudo. Por fim, tentou-se selecionar diversos estudos pertinentes que conseguissem contribuir para a explicação da relação entre a Personalidade e o envolvimento com a Sustentabilidade Global.

1.1 Sustentabilidade Global

No séc. XX observou-se um exagero no consumo, tendo como origem as mudanças de necessidades da época com a urbanização e a industrialização (Penna, 1999). Após este consumo exacerbado, observou-se a uma maior preocupação sobre a degradação imposta pelas políticas de desenvolvimento ao meio ambiente. O bem-estar, a sobrevivência

humana e a convivência em harmonia com a natureza foram temáticas que ganharam relevo neste período e que ainda hoje são temas controversos e de inúmeras discussões (Mateus, 2009).

Nos anos 90, a preocupação com os problemas do meio ambiente começou a aumentar, permitindo uma maior consciência sobre as consequências (Dias, 2007 cit in De deus, Afonso & Afonso, 2014), e *“influenciou a conscientização ambiental do indivíduo como consumidor e, acima de tudo, como cidadão...procurando uma maior consciência ecológica e de consolidação de comportamento ambientalmente consciente”* (Dias, 2007 cit in De deus, Afonso & Afonso, 2014, p.73).

As práticas inconsequentes do ser humano levou a uma degradação do nosso planeta e por esse motivo, deve-se promover práticas que assegurem o futuro procurando incidir num equilíbrio sustentável e conseqüentemente observar-se *“ mudanças sociopolíticas que não comprometam os sistemas ecológicos e sociais que sustentam as comunidades”* (Jacobi, 2003, p.191). Tais mudanças exigem recursos, para garantir o cumprimento de uma resposta satisfatória para fazer face aos défices observados e que coloquem em causa o Desenvolvimento Sustentável (DS). As mudanças ambientais e práticas humanas devem seguir uma lógica ponderada e *“de forma a ultrapassar o fosso entre o impacto das atividades humanas no ambiente físico e os objetivos anunciados para o proteger”* (Zaccai, 2009 citado por Schmidt & Guerra, 2010, p.108).

De forma a minimizar os estragos destes comportamentos, houve a necessidade de criar espaços para debater as consequências dos atos humanos para o meio ambiente.

Em 1972 realizou-se a 1ª Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente em Estocolmo no qual teve como intuito um *“processo de aumento da consciência e da mobilização mundial em defesa das questões ambientais”* (Dias, 2009, p.6). Este debate permitiu a elaboração do *“Programa Ambiental das Nações Unidas para o Meio Ambiente que tem por missão promover parcerias em prol da conservação do ambiente”* (Dias, 2009, p.6), o que permitiu alterar o foco do pensamento ambiental do planeta, sugerindo melhorar a qualidade de vida sem comprometer as futuras gerações (Passos, 2009).

Em 1987 no relatório Brundtland, foi utilizado pela primeira vez o termo desenvolvimento sustentável (Batista & Albuquerque, 2007). Todavia o estabelecimento de estratégias de DS surgiu mais tarde, onde *“o compromisso do desenvolvimento sustentável foi reafirmado em 1997 durante a 19ª Sessão Especial da Assembleia-Geral*

das Nações Unidas reunida para avaliar o estado do cumprimento dos compromissos assumidos na Cimeira da Terra” (Dias, 2009, p.7). Foi então que houve a elaboração do Protocolo de Quioto, estipulando-se objetivos que permitissem a diminuição da emissão de gases nocivos ao ambiente (Dias, 2009).

Na Cimeira do Milénio elaboraram-se objetivos essenciais a serem implementados até 2015. Estes objetivos vão desde da redução da pobreza, da mortalidade, em garantir SA, entre outros. O principal intuito dos objetivos pretenderam diminuir os efeitos nocivos para a vida e do meio ambiente (Dias, 2009).

Outro marco importante foi em 2005, a construção da Década das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, em que potencia a importância do papel da educação na promoção do DS. Mais tarde, em 2012, foi realizada a Conferência Estocolmo + 40. A conferência consistiu em conceder uma plataforma de diálogo de medidas referentes ao DS. (Câmara et al., s/data).

Em 2016, iniciou-se a resolução das Nações Unidas – *Transformar o nosso mundo: Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável*, no qual declarou-se 17 objetivos estendidos em 169 metas. Alguns objetivos reportam para questões ambientais, tais como água e saneamento potável, energias renováveis e acessíveis, cidades e comunidades sustentáveis, ação climática, proteger a vida marítima e proteger a vida terrestre (Câmara et al., s/data).

Numa resuma análise, observa-se que os países estão a adotar novas medidas para assegurar que o meio ambiente não seja mais negligenciado. Esta mudança deve-se ao facto de que cada vez mais seja uma questão essencial para a sobrevivência do ser humano, levando a que a consciencialização das ações da sociedade esteja mais em evidência nos dias de hoje (Batista & Albuquerque, 2007).

1.1.1 Definição de Sustentabilidade

A sustentabilidade emerge da preocupação gerada pelo consumo excessivo de recursos naturais por parte do ser humano, que usa de forma massiva e descontrolada os meios que a natureza oferece (Dias, 2004) e não ocorrerá sem que haja um pensamento transformador sobre os modos de trabalhar, consumir e interagir entre os membros da sociedade (Quadrado Closs & Antonello, 2014). O equilíbrio do consumo auxilia o bem-estar presente e futuro das gerações, ou seja, *“procura satisfazer as aspirações do presente sem comprometer o desenvolvimento futuro, estabelecendo uma harmonia entre todas as*

atividades.” (Dias, 2009, p.4). O paradigma da sustentabilidade foi estabelecido como um objetivo comum para o desenvolvimento político, social e económico (Schaltegger & Horisch, 2017). Um facto interessante será dizer que existe uma relação direta entre os comportamentos sustentáveis de um país e o seu nível económico (Rull, 2011).

O DS apesar da sua extrema importância revela ainda uma carência enorme relativamente à sua definição. Ainda não foi possível estabelecer normas globais para caracterizar o conceito, *“ainda não se encontrou uma definição globalmente aceite, ou definiu quais as atitudes a adotar para satisfazer as necessidades humanas, ou quais são os valores ambientais e sociais aceitáveis.”* (Dias, 2009, p.4). Outra proposta apresenta o DS como uma *“estratégia ou um modelo múltiplo para a sociedade, que deve levar em conta tanto a viabilidade económica como a ecológica”* (Jacobi, 2003, p.194).

Perante diversas tentativas de definir a sustentabilidade, existem características gerais que assemelham-se nas diversas definições, como *Rede de Interdependências*, *Equidade intra e intergeracional* e *Empenho e Mobilização* (Schmidt & Guerra, 2010). A *Rede de Interdependências* consiste na dependência da economia, sociedade e ambiente, que por sua vez reforçam-se mutuamente, (Schmidt & Guerra, 2010) que por consequente *“impede que, tanto o desenvolvimento social, quanto o crescimento económico, tomem as suas bases de sustentação ecológica como garantidas, sublinhando as dependências socioeconómicas dos ecossistemas naturais atuais.”* (Schmidt & Guerra, 2010, p.109). A *Equidade Intra e Intergeracional* tem em conta a *“noção do dever da coletividade e do Poder Público de defender e preservar o meio ambiente para as gerações futuras”* (Silva, 2011, p.120). Por último, *Empenho e Mobilização* devem ser conceitos que os diversos agentes políticos, empresários e cidadãos, devem ter presente, praticando ações de gestão sustentáveis, refletindo sobre as variáveis que esta dimensão assume, permitindo *“uma ação proactiva que, indo para além do cumprimento das obrigações legais, permita reverter processos que estão a colocar em risco a base de sustentação da sociedade atual”* (Schmidt & Guerra, 2010, p.109).

Segundo Silva (2000), a sustentabilidade pode reger-se por diversos princípios, dos quais pode-se identificar os seguintes, *Ambiental* (capacidade para preservar o meio no que respeita à diminuição da sua poluição, utilização moderada dos recursos que a natureza oferece, multiplicidade da vida e também pretende ser um princípio que acautela a prudência com que se utiliza a carga dos ecossistemas), *Social* (define-se como um

principio regulador da diversidade e que assenta no equilíbrio entre a sociedade nas riquezas e nas oportunidades mas também solicita a diminuição da exclusão, da pobreza e da discriminação social), *Económico* (quando existe distribuição de riqueza e renda em que pretende-se resultados macro-sociais positivos) e *Político* (este principio regula os direitos dos cidadãos potenciando um compromisso sério com a comunidade). Por fim, para Shimbo existe ainda um outro principio que tem em conta a *Dimensão Cultural* (Bennet & Sattler, 2004).

De modo a garantir que a geração seguinte não seja condicionada pelas ações da atual geração, devemos ter uma maior ponderação no consumo dos bens naturais promovendo assim, uma sociedade mais consciente da necessidade de uma maior SA (Lopes, 2013).

Contudo, sabe-se que a mudança de atitudes nem sempre é uma tarefa fácil, e relativamente ao DS a tarefa evidencia-se ainda mais complicada. Para a efetivação de novas e melhoradas políticas públicas ambientais, a sociedade tem que ter novos comportamentos e observar-se mudanças nos processos sociais para desta forma fomentar o DS (Batista & Albuquerque, 2007). Este objetivo é cumprido quando há “*uma política voltada a manutenção da produção industrial de carácter sustentável com os recursos naturais existentes, o estabelecimento de uma gestão participativa nas decisões públicas e privadas de interesse social e económica*” (Batista & Albuquerque, 2007, p. 21). Conjuntamente com o âmbito da educação para que haja formas de ensinar e/ou realizar projetos com o propósito de estimular o DS e ainda, sustentar as práticas e mudanças de procedimentos da sociedade com conhecimento provindo da ciência procurando mais-valias para o DS de um país (Batista & Albuquerque, 2007).

Na literatura foi possível ainda apurar sobre o tema Sustentabilidade, que o género pode ser uma variável importante no estudo acerca da sustentabilidade e que pode diferenciar os jovens relativamente a práticas mais sustentáveis. Esta conclusão deve-se ao facto de que o género feminino e o género masculino detêm necessidades diferentes (Gorni, Gomes & Dreher, 2012). Alguns autores acreditam que as diferenças entre género se distinguem devido a “*papéis criados e moldados pela sociedade e regidos por valores culturais, religião, leis, posição social, economia e sistema político*” (Küchemann, 2000 citado por Gorni, Gomes & Dreher, 2012, p. 167).

Também Benton estudou a relação entre o consumo sustentável e os processos de socialização que ocorrem no âmbito das famílias, escolas e grupos sociais (1994 cit. in Gorni, Gomes & Dreher, 2012), o que parece interessante para compreender a relação do consumo nos diferentes contextos, tal como no presente estudo.

Estas conclusões tornam-se interessantes para conseguir perceber o atual estudo e as suas principais conclusões em que mais à frente serão discutidas.

1.1.2 Sustentabilidade em Portugal

Apesar de Portugal ter sido um dos primeiros países europeus a definir a proteção ambiental na sua Lei Fundamental, só em 1998 foi organizado um Plano Nacional para o Desenvolvimento Económico e Social, onde foi produzido os objetivos ambientais para o período entre 2000 e 2006 (Dias, 2009).

Em 2000, Portugal “*adotou a Declaração do Milénio e comprometeu-se a atingir os objetivos de Desenvolvimento do Milénio, integrando definitivamente três dimensões da sustentabilidade nas políticas de desenvolvimento do país*” (Dias, 2009, p.16).

Mais tarde em 2001, 110 empresas aderiram ao “*Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável (...) com objetivo promover os princípios do desenvolvimento sustentável, da eco-eficiência, da inovação e da responsabilidade social*” (Dias, 2009, p.16).

O Governo Português e a Comissão Europeia, em 2007, definiram o “*Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) 2007-2013 que constitui o enquadramento para a aplicação da política comunitária de coesão económica e social em Portugal para esse período*” (Dias, 2009, p.16).

Em Portugal, o compromisso com o meio ambiente ainda é muito escasso (Cardoso & Cairrão, 2007), logo a nossa sociedade deve ter uma atitude mais proactiva, “*assim como poder questionar de forma concreta a falta de iniciativa dos governos para implementar políticas pautadas pelo binómio sustentabilidade e desenvolvimento num contexto de crescentes dificuldades para promover a inclusão social*” (Jacobi, 2003, p.203).

Para um DS, é necessário que a sociedade defina medidas e que haja instrumentos que consigam avaliar se as medidas estão a ser eficazes para conseguir o grande objetivo: Uma Sociedade Sustentável.

Segundo a Direção Geral do Ambiente, foi construído em Portugal no ano de 2000, um Sistema de Indicadores de Desenvolvimento Sustentável (SIDS) (Lopes, 2013). Em Portugal o SIDS permite conhecer a situação atual do país relativamente ao cumprimento na área da sustentabilidade para uma *“melhoria da qualidade das decisões em gestão da sustentabilidade”* (APA, 2007 citado por Lopes, 2013 p.12). O SIDS pretende assim *“estabelecer a ligação com as políticas, planos e programas de âmbito nacional, regional e setorial”* (Lopes, 2013, p.12).

Para auxiliar na avaliação do meio ambiente, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) instituiu 3 indicadores base que possibilita avaliar o meio ambiente nas suas diversas dimensões, recorrendo ao modelo *Pressão-Estado-Resposta* (PER) para os explicar (Lopes, 2013). O PER é o *“marco ordenador mais utilizado na análise de estatísticas e indicadores da área ambiental e do Desenvolvimento Sustentável (...) avalia problemas ambientais segundo uma relação de causalidade”* (Alves & Azevedo, 2013, p. s/página) e procuram responder ao que *“está a acontecer com o ambiente (Estado); porque é que isso ocorre (Pressão) e o que a sociedade está a fazer para solucionar (Resposta) ”* (Carvalho & Barcellos, 2010 citado por Alves & Azevedo, 2013, p. s/página).

1.1.3. Envolvimento dos jovens com questões acerca da sustentabilidade

A população humana apresenta dificuldades em compreender as limitações dos recursos ambientais. As ações humanas, por vezes sem consciência das consequências, condicionam a matéria que o meio ambiente oferece e por essa razão torna-se cada vez mais importante a sensibilização para o problema, sobretudo nos mais jovens, o futuro da população. Para existir mudanças nas ações da sociedade, cabe educar a juventude e consciencializar para a complexidade da problemática (Canuto, 2015).

A Educação Ambiental (EA) é uma forma de combater as más condutas da sociedade perante o meio ambiente e à cessão de múltiplos recursos ambientais (Jacobi, 2003). Ao longo da história, a EA nunca teve a importância necessária para os indivíduos, autoridades políticas ou económicas (Santos & Brêtas, 2013). Todavia, sabe-se da importância desta. A EA pode passar por sensibilizar a sociedade sobre *“a importância da preservação do meio ambiente, medidas alternativas de fontes renováveis de energia, valorização da reciclagem como meio viável à deposição do lixo, medidas de saneamento básico e deposição adequada do lixo”* (Santos & Brêtas, 2013, p. 84).

Outra forma de promover o conhecimento acerca desta problemática pode passar pela consciencialização da crise ambiental. Devendo ser encarada como um tema a incluir na educação, com intuito de se evidenciar transformações sociais voltadas para assumir responsabilidades ambientais (Paulatti & Portugal, 2015). O que nos leva para a importância do papel das escolas sobre esta questão.

As escolas têm um papel imprescindível em sensibilizar os alunos para as boas práticas relativas à SA.

O professor que trabalhar a educação ambiental irá preparar os seus alunos para proteger e conservar a natureza, para utilizarem bem os recursos naturais, para a melhoria da sua qualidade de vida e incitar a sua sustentabilidade em conjunto com o próximo. Deve proporcionar aos alunos a oportunidade de aumentarem as suas competências e conhecimento partindo daquilo que eles já dominem, levando-os a interagir com outros alunos em processos de aprendizagem cooperativa (Canuto, 2015, p. 16).

O envolvimento dos jovens nas questões relacionadas com a SA é um tema recente e que tem suscitado interesse científico (Correia, 2017).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 1984 desenvolveram em Portugal a Educação Ambiental para o Desenvolvimento e o principal intuito foi iniciar um programa que promovesse a construção de uma *“interdisciplinaridade potencialmente transformadora de práticas e de relações educativas”* (Galvão, 2007, p.97).

Pretende-se que os alunos aprendam a utilizar o conhecimento para interpretar e avaliar a realidade envolvente, para formular e debater argumentos, para sustentar posições e opções, competências estas consideradas fundamentais para a participação ativa na tomada de decisões fundamentadas, numa sociedade democrática, face aos efeitos das atividades humanas sobre o ambiente (De educação, 2017, p.7).

O projeto foi aplicado de forma a sensibilizar para as questões ambientais dois públicos-alvo: alunos e professores. Outro objetivo foi o de promover boas práticas dos

alunos em espaços ambientais e ainda, introduzir nos programas escolares a temática referente ao meio ambiente inclusive as consequências do mau uso da matéria que este tem disponível. As escolas que aplicaram este projeto conseguiram bons resultados, desde da construção de hortas pedagógicas, reciclagem de papel, compostagem de lixos domésticos, também desenvolveram atividades sensibilizadoras para a comunidade e ainda em algumas escolas, usufruíram de experiências ligadas ao ambiente em vários países (Galvão, 2007).

A Educação Ambiental para o Desenvolvimento pretende ser um *“processo de sensibilização, de promoção de valores e de mudança de atitudes e de comportamentos face ao ambiente, numa perspetiva do desenvolvimento sustentável”* (De educação, 2017, p.13).

De acordo com a investigação, atualmente os jovens apresentam maior consciência ambiental, procurando soluções por um *“meio ambiente mais equilibrado”* (Correia, 2017, p.54). A consciência ambiental é segundo Galvani (2002) quando o individuo *“conhece e reflete sobre o meio ambiente”* (citado por Andrigueto, 2009, p.26). Porém, os jovens necessitam de conseguir expressar as suas preocupações ambientais para que este problema seja tido em conta como uma questão séria, e pertinente para o bom funcionamento do planeta (Correia, 2017). Cardoso e Cairrão consideram que apesar de os jovens apresentarem consciência ecológica e ambiental no que se refere à *“preservação da vida e das condições de coexistência da humanidade e à natureza”*, ainda não é visível na mesma escala, a sua prática (2007, p.126).

Com o objetivo de avaliar a consciência ambiental dos jovens, foi realizado um estudo com o “Projeto Saber Cuidar” no qual foi convidada uma escola e os seus alunos a participarem de forma voluntária. Os estudantes eram jovens com 11 e 12 anos, que colaboraram com os investigadores através de respostas a entrevistas que abordaram a consciência ambiental, atividades que possibilitaram a discussão sobre questões sobre a educação ambiental e também através de apresentações dos alunos acerca do tema (Santos & Brêtas, 2013). Neste estudo foi possível salientar 4 eixos, tais como *“consciência ecológica; transformação social; dificuldades com a implantação da proposta; realização da proposta de educação ambiental”* (Santos & Brêtas, 2013, p.92). Como principais resultados deste projeto, destacam-se a promoção de uma maior consciência ecológica e maior preocupação planetária (Santos & Brêtas, 2013).

Em Portugal, um dos exemplos práticos do envolvimento dos jovens com a sustentabilidade é a existência de Ecoclubes. Atualmente existe 4 Ecoclubes distribuídos pela zona nacional. O principal objetivo dos Ecoclubes é proporcionar espaços para que os jovens reflitam sobre as questões ambientais da comunidade, discutindo conseqüentemente temas como o uso sustentável da água, a floresta e a participação dos jovens na Carta da Terra. O ideal é a criação de mais Ecoclubes em Portugal de modo a chegar a mais jovens, envolvendo escolas, associações e outros agentes que possam auxiliar na qualidade de vida da comunidade através da promoção de um desenvolvimento mais sustentável (Pinto, Macedo, Silva & Vieira, 2007).

1.2 Personalidade

1.2.1 Definições de Personalidade

De forma a compreender melhor o envolvimento dos jovens com a sustentabilidade, há todo o interesse de conhecer o que diferencia as diferentes formas de os jovens poderem se envolver. E para isso torna-se imprescindível o estudo da Personalidade, visto ser uma das variáveis que influencia este envolvimento, nomeadamente através dos comportamentos.

É de constatar que existem inúmeras definições e abordagens acerca da personalidade e que é influenciada através da sua orientação metodológica. De acordo com alguns autores, destaca-se as definições de personalidade mais relevantes ao longo dos tempos.

Ao retrocedermos a 1937, o autor Allport defendia que a personalidade “ *é a organização dinâmica, no seio do individuo, de sistemas psicofisiológicos que determinam o seu comportamento característico e os seus pensamentos*” (Hansenne, 2003, p. 23), em 1953 Eysenck definiu que a personalidade “ *é a organização mais ou menos firme e durável do caráter, do temperamento, da inteligência e da dimensão física de um sujeito*” (Hansenne, 2003, p.23). Mais tarde, em 1986, Linton intitulou esta entidade como “ *um conglomerado organizado dos processos e dos estados psicológicos do sujeito*” (Hansenne, 2003, p.23). Por sua vez, para Cloninger “ *O desenvolvimento da personalidade envolve uma série de conflitos entre o indivíduo, que quer satisfazer os seus impulsos instintivos, e o mundo social (principalmente a família), que restringe este desejo.*” (1999, p. 55).

1.2.2 Grandes Abordagens de Personalidade

Desde de muito cedo que o ser Humano debruçou-se sobre a personalidade, como entidade de grande relevo para o indivíduo. Deve-se distinguir as teorias que se interessaram acerca do conceito. As teorias relevantes para o caso, dividem-se em grandes abordagens, como a psicodinâmica, Neopsicanalítico, Estágios Contínuos, Abordagem dos Traços, Humanismo, Cognitivo, Comportamental, Aprendizagem Social e por fim, abordagem do Domínio (Schultz & Schultz, 2002).

A abordagem psicodinâmica contou com um grande propulsor. Freud interessou-se pela personalidade e as suas envolventes comparando a mente a um iceberg e por consequente, construiu a teoria designada de *Primeira Tópica* (Hall, Lindzey & Campbell, 2000). A *Primeira Tópica* foi construída com base no Inconsciente, com as suas pulsões, recordações recalçadas, o Pré-consciente que reúne a informação que poder tornar-se consciente, e por último, o Consciente no qual é de fácil acesso as informações do sujeito (Hansenne, 2003). Mais pormenorizadamente, no Inconsciente encontra-se “ *os impulsos, as paixões, as ideias e os sentimentos reprimidos...forças vitais e invisíveis que exercem um controle imperioso sobre os pensamentos e as ações dos indivíduos.*” (Hall, Lindzey & Campbell, 2000, p.50).

É de salientar que o Inconsciente tem como grande objetivo o desejo de satisfação dos prazeres (Bernaud, 2000). Por outro lado, o Consciente diz respeito às “ *sensações e experiências* ” (Schultz & Schultz, 2002, p.49) conscientes do indivíduo. O Pré-consciente por sua vez é uma entidade contentora de “ *lembranças, ideias e percepções das quais podemos não ter consciência, mas existe a possibilidade de tornar consciente*” (Schultz & Schultz, 2002, p.49). Mais tarde, Freud teve a necessidade de desenvolver a *Segunda tópica*, constituída pelo Ego, Superego e o Id. O Id é como entidade semelhante ao Inconsciente e parece que é regido pelas pulsões e a procura insaciável do prazer, (Schultz & Schultz, 2002) enquanto o Ego é “ *o mestre da racionalidade da personalidade*” (Schultz & Schultz, 2002, p.50), procura minimizar os efeitos do Id e realiza a gestão da satisfação dos seus desejos. Por fim, o Superego procura afastar os desejos do Id, tendo como missão a “ *perfeição moral*” (Schultz & Schultz, 2002, p.51), e não esquecer que este pretende a “ *interiorização das normas parentais*” (Bernaud, 2000, p.21).

O desenvolvimento da personalidade foi estudado por Freud, enfatizando o emparelhamento entre os “ *primeiros anos de infância e a estrutura de caráter básica*”

(Hall, Lindzey & Campbell, 2000, p.50) do sujeito. Para o autor, parece importante a “*resposta do sujeito a quatro fontes de tensão: (1) processos de crescimento fisiológico, (2) frustrações, (3) conflitos e (4) ameaças*” (Hall, Lindzey & Campbell, 2000, p.61).

A seguir, apresenta-se a abordagem Neopsicanalítica, destacando o trabalho de Carl Jung com a teoria analítica, enfatizando que a personalidade é um processo de individualização, em que existe um equilíbrio entre o Inconsciente e o Consciente (Hansenne, 2003). Este autor desenvolveu as 4 fases de desenvolvimento, ou seja infância, a juventude, a *middle age* e a *old age* (Hansenne, 2003). A infância corresponde ao período no qual a família tem um papel imprescindível no desenvolvimento do Eu, porém a juventude desenvolve-se quando os sujeitos passam por “*alterações fisiológicas e uma revolução psíquica*” (Hansenne, 2003, p.127). A *middle age* surge como a etapa de desinteresse pelo materialismo e tudo o que este envolve, por outro lado a *old age* é uma fase mais tardia da vida humana, e os seus contornos assemelham-se à etapa da infância (Hansenne, 2003).

Na abordagem de Estágios Contínuos salienta-se o trabalho Erik Erikson, com o desenvolvimento da personalidade “*segundo 8 estádios evolutivos aos quais se inscreve um conflito predominante que tem sua origem nas forças psicossociais*” (Chiuzi, Peixoto & Fusari. p.583). Segundo Erikson, os estádios estão divididos em 3 períodos, sendo estes a infância, adolescência e a vida adulta. De acordo com este modelo, o sujeito passa para o estádio seguinte quando existe a resolução das tarefas desenvolvimentais do indivíduo. Os 8 estádios designados pelo Erikson intitulam-se de Bebê, Primeira Infância, Idade pré-escolar, Idade escolar, Adolescência, Jovem idade adulta, Idade adulta e por último, a Velhice (Hansenne, 2003).

Na Abordagem dos Traços observa-se contribuições referentes à genética da personalidade, do qual Gordon Allport foi o propulsor, incidindo no traço da personalidade. Segundo o autor o traço de personalidade corresponde à forma constante que o indivíduo responde aos estímulos (Hansenne, 2003). É de realçar que existe dois tipos de traços, os traços comuns e os traços individuais, apresentados pelo autor. E constata-se que Allport defende que “*a personalidade esta constantemente a desenvolver-se e a mudar, embora, exista uma organização que relaciona os componentes da personalidade*” (Hall, Lindzey & Campbell, 2000, p.228)

Outro autor deveras importante foi Abraham Maslow que contribuiu para o estudo da personalidade com a abordagem Humanista. O autor criou a hierarquia de necessidades inatas que têm como responsabilidade ser um propulsor para o comportamento humano. Esta hierarquia agrupa necessidades de auto-realização, necessidade de estima, necessidades de afiliação e amor, necessidades de segurança e necessidade fisiológicas. Para o psicólogo é de extremo interesse que uma necessidade seja satisfeita antes que outra necessidade exacerbe a sua importância (Schultz & Schultz, 2002).

George Kelly contribuiu com a Abordagem Cognitiva defendendo que os “ *indivíduos constroem a realidade à qual respondem, e a resposta está baseada no uso que o individuo faz de sua experiencia em contextos prévios similares para antecipar as consequências do comportamento*” (Hall, Lindzey & Campbell, 2000, p.329), logo isto serve de alicerce para a construção da personalidade do individuo (Hall, Lindzey & Campbell, 2000). Para Kelly existe uma construção cognitiva acerca do ambiente. Por outras palavras, o que acontece à volta do sujeito vai influenciar a previsão dos comportamentos deste (Schultz & Schultz, 2002).

Mas também Skinner contribuiu de forma exemplar para a compreensão da personalidade com a Abordagem Comportamental. O autor trouxe a novidade do Condicionamento Operante, em que o sujeito é condicionado pelo ambiente do qual emite um determinado comportamento. De acordo com Skinner, os reforços positivos, reforços negativos e a punição conduzem a determinados comportamentos por parte do individuo, consoante os reforços (Hansenne, 2003). O autor refere que a personalidade “ *é um repertório de comportamentos engendrados por um conjunto determinado de contingências*” (Hansenne, 2003, p.166).

A abordagem da Aprendizagem Social tem como um dos principais autores Albert Bandura, e a principal contribuição deste autor foi com a aprendizagem por modelação. Bandura salienta aspetos necessários para a compreensão da aprendizagem que se realiza através da observação. De acordo com esta teoria, os sujeitos aprendem através da imitação, o que leva à produção de comportamentos, levando à aprendizagem por imitação. Em conformidade com o autor, os fatores ambientais permitem influências nos fatores genéticos. Por fim, desenvolveu a noção de auto-eficácia que permite ao sujeito avaliar as estratégias suficientes para lidar com os desafios que vão decorrendo ao longo da vida (Hansenne, 2003).

1.2.3 Modelo psicobiológico de Cloninger

O interesse pelo estudo da personalidade não é uma novidade, e Cloninger foi um dos autores que pretendeu estudá-la. A diferença entre Cloninger e outros autores deve-se ao facto de que pretendeu estudar a personalidade através de uma perspectiva geral que conseguisse explicar a personalidade de acordo com as dimensões biológicas e a influência do ambiente a que o sujeito está inserido. O modelo de Cloninger é um dos modelos mais populares na prática psiquiátrica, procura descrever as diferenças individuais no comportamento psicopatológico através de dimensões e categorias (Serra, 2006). Cloninger realizou um estudo acerca da personalidade com intuito de desenvolver um modelo geral para explicar as diferenças entre pacientes com défices na somatização e perturbação de ansiedade generalizada (Cloninger, 1986 cit in Kose, 2003). Ao que conseguiu apurar, os indivíduos com ansiedade somática, apresentavam traços de personalidade agressiva, enquanto os sujeitos com ansiedade cognitiva generalizada apresentavam traços de personalidade obsessiva-compulsiva (Kose, 2003).

O modelo de personalidade do autor referido foi sustentado em ideias-chave de Allport e Thorpe, que fundiram naquilo que Cloninger define o que diferencia a personalidade nos indivíduos. Segundo Cloninger, o que diferencia a personalidade dos indivíduos são os diferentes sistemas adaptativos que participam na receção, processamento e armazenamento das informações que recebem da experiência do indivíduo (Cloninger, Przybeck, Svrakic e Wetzell, 1994 cit in Serra, 2006).

O modelo do autor apresenta fatores psicobiológicos e que se distinguem relativamente à sua estrutura e ao desenvolvimento das dimensões da personalidade, caracterizado por dois fatores, Temperamento e Caráter. O modelo do Cloninger permite estudar a personalidade normal e patológica, permitindo assim diferenciar-se de Eysenck que defende um modelo redutor neste ponto de vista (Kose, 2003).

Porém, nem sempre foi assim o modelo proposto pelo autor. Inicialmente Cloninger desenvolveu o TPQ- Questionário de Personalidade Tri-Dimensional (Cloninger, 1987 cit in De Fruyt, Van De Wiele, & Van Heeringen, 2000) no qual o instrumento permitia avaliar as três dimensões do Temperamento, como a *Procura da novidade*, o *Evitamento de Perigo* e a *Dependência de Recompensa*. As três dimensões referidas estavam relacionadas com certas predisposições genéticas que levavam a alterações de

comportamento. Estas relações eram observadas com mais frequência em perturbações de ansiedade e de humor (Serra, 2006).

De uma forma mais objetiva, as três dimensões do Temperamento estariam relacionadas da seguinte forma: A *Procura de Novidade* apresenta baixa atividade basal dopaminérgica, o *Evitamento de Perigo* tem alta atividade serotoninérgica. Por último, a *Dependência da recompensa* apresenta nível basal baixo da atividade noradrenérgica (Serra, 2006).

Este modelo era muito específico para a população que apresentava problemas psicopatológicos ou até mesmo para a comunidade clínica. Por essa razão, desenvolveu-se um novo modelo explicativo para toda a população (Serra, 2006).

Mais tarde, o autor reconheceu que a *Persistência* teria que ser considerada uma dimensão isolada e foi então sugerida uma quarta dimensão. No entanto, a avaliação do Temperamento através das 4 dimensões não foi considerada suficiente, e desenvolveu-se um modelo mais completo que agrupa sete dimensões, 4 relativas ao Temperamento e como novidade surge as 3 dimensões do Caráter (De Fruyt, Van De Wiele, & Van Heeringen, 2000).

O autor identificou que para o Temperamento evidenciam-se 4 elementos, dos quais destacam-se a *Procura de Novidade*, *Evitamento de Perigo*, *Dependência de Recompensa* e *Persistência*. É de destacar que estes elementos são condições hereditárias, permitindo as suas influências nos hábitos dos sujeitos na resposta aos estímulos emocionais (Cloninger, Svrakic, & Przybeck, 1993). As outras três dimensões são respeitantes ao Caráter: *Autodirecionamento*, *Cooperação* e *Autotranscendência*. As dimensões do Caráter podem ser influenciadas de acordo com a autonomia do sujeito, indivíduo como parte integral da humanidade e o indivíduo como uma parte integrante do universo como um todo (Cloninger et al., 1993). Estas dimensões destacam a “*influência pessoal e efetividade social pelo insight aprender sobre auto-conceitos.*” (Cloninger et al., 1993, p. 975).

Inicialmente o Temperamento referia-se à predisposição emocional congênita, enquanto o Caráter estava relacionado com o que os sujeitos faziam intencionalmente. Atualmente, e de forma muito sucinta, o Temperamento envolve processos emocionais involuntários, e consiste nas diferenças individuais na atuação e nas capacidades do indivíduo, enquanto o Caráter envolve processos racionais voluntários e envolve diferenças em conceitos sobre si próprio (Cloninger, 1994, 2008)

Para uma melhor compreensão destes conceitos, torna-se essencial a abordagem do Temperamento e do Caráter proposto pelo autor, onde irá ser feita uma abordagem mais detalhada.

O Temperamento segundo o modelo de Cloninger, como já foi referido, era inicialmente composto por 3 componentes, a *Procura da Novidade*, *Evitamento de Perigo* e a *Dependência da Recompensa* ao que houve a necessidade de acrescentar a *Persistência* como uma entidade separada da *Dependência da Recompensa* (Hansenne, 2003).

Dentro do Temperamento a *Procura da Novidade* define-se como uma tendência hereditária na ativação ou iniciação de comportamentos exploratórios em resposta à novidade, a dimensão *Evitamento de Perigo* representa uma inibição ou a cessação de comportamentos. A *Dependência da Recompensa* é então, a manutenção dos comportamentos com objetivos de aceitação social e recompensa dos atos tomados (Cloninger et al., 1993). Por fim, a *Persistência* diz respeito quando se evidencia perseverança apesar de frustração e fadiga (Gawęda & Kokoszka, 2014).

As dimensões do Temperamento reúnem subescalas necessárias para a compreensão deste.

a) Procura de Novidade (NS)

A *Procura de Novidade* é uma dimensão do Temperamento que reúne as subdimensões: Excitabilidade Exploratória (NS1), Impulsividade (NS2), Extravagância (NS3) e Desordem (NS4) (Moreira, Cloninger, Rocha, Oliveira, Ferreira, Gonçalves & Rózsa 2017).

Os indivíduos com NS elevado tendem a ser rápidos, exploratórios, curiosos, entusiasmados, ardentes, facilmente entediados, impulsivos e desanimados. As vantagens de alta pontuação na NS são o entusiasmo e a excitabilidade de conhecer situações novas, levando à exploração de recompensas potenciais. As desvantagens estão relacionadas à raiva excessiva, inconsistências nas relações e instabilidade nos esforços. Porém com baixos níveis de NS são indivíduos moderados, indiferentes, inquisitivos, reflexivos, reservados, tolerantes à monotonia, sistemáticos e ordenados (Cloninger, 1987 cit in Kose, 2003).

A Excitabilidade exploratória (NS1) é uma subescala que procura descrever os indivíduos relativamente à exploração no sentido mais amplo, ou seja, sujeitos com valores

elevados nesta escala, tendem a explorar lugares e situações desconhecidas, gostam do incógnito (Serra, 2006) e “*procuram intensamente emoções, todavia não toleram a monotonia...são vistos como intolerantes ou inovadores...*” (Cloninger 1987, Cloninger, Przybeck & Svrakic 1994 citado por Kose, 2003, p. 89). Por outro lado, com valores baixos na Excitabilidade exploratória, apresentam-se aqueles que não sentem o desejo de sair da rotina, nem de se envolver em atividades (Kose, 2003).

Os indivíduos que possuem valores altos na subescala Impulsividade (NS2) tendem a “*ser indivíduos dramáticos, impressionistas e temperamentais que tomam decisões rapidamente com poucas informações e não conseguem controlar os seus impulsos*” (Cloninger 1987, Cloninger et al. 1994 citado por Kose, 2003, p. 89). Os indivíduos com valores baixos nesta subescala são pessoas que preferem refletir antes de agir, apresentam elevado foco na tarefa e procuram o máximo de informação antes de atuar ou tomar decisões (Cloninger 1987, Cloninger et al. 1994 citado por Kose, 2003).

A subescala Extravagancia (NS3) descreve os sujeitos que com pontuações altas apresentam comportamentos de exuberância e de gastos elevados de energia, sentimentos e dinheiro. Consequentemente são indivíduos que não conseguem poupar dinheiro. Por outro lado, com valores baixos nesta subescala, são aqueles que controlam as suas emoções e sentimentos e tendem a ser mais poupados monetariamente (Cloninger 1987, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

Os indivíduos com valores elevados na subescala Desordem (NS4) são sujeitos confusos no seu dia-a-dia, na maioria do tempo sentem-se frustrados, irritam-se com facilidade e não toleram regras e restrições. Em contraste, sujeitos com valores baixos nesta subescala gostam de regras, são pacientes e bastante organizados (Cloninger 1987, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

b) Evitamento de Perigo (HA)

O *Evitamento de Perigo* (HA) apresenta-se como uma dimensão multifacetada, e apresenta 4 traços tais como Preocupação Antecipatória (HA1), Medo da Incerteza (HA2), Timidez (HA3) e Fadiga (HA4) (Moreira, et al 2017).

Os indivíduos com valores elevados em HA tendem a ser cautelosos, cuidadosos, apreensivos, nervosos, tímidos, duvidosos, desencorajados, inseguros, passivos, negativos ou pessimistas. Normalmente estão sempre cansados, necessitando de mais encorajamento

do que a maioria das pessoas e geralmente são sensíveis a críticas e punições. *Porém estes apresentam maior cuidado em antecipar o possível perigo, o que leva a um planejamento cuidadoso quando o perigo é possível. As desvantagens ocorrem quando o perigo é improvável, mas ainda antecipado, potenciando uma preocupação desnecessária* (Cloninger 1987, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003, p. 88).

Em contraste, os indivíduos com valores baixos nesta dimensão temperamental tendem a ser *despreocupados, relaxados, ousados, corajosos, compostos e otimistas mesmo em situações que preocupam a maioria das pessoas* (Cloninger 1987, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003, p. 88). No meio social, apresentam-se como pessoas extrovertidos, dinâmicas e confiantes. *“As vantagens dos indivíduos com valores baixos na prevenção de danos são a confiança diante do perigo e da incerteza, levando a esforços otimistas e enérgicos com pouca ou nenhuma angústia. As desvantagens estão relacionadas à falta de resposta ao perigo, o que pode levar ao otimismo imprudente”* (Cloninger 1987, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003, p. 88).

A Preocupação Antecipatória (HA1) pode corresponder a dois tipos de disposições comportamentais que se diferenciam dependendo dos valores que apresentam. O primeiro acontece quando existe valores altos esta subescala. E este tipo distingue duas situações. A primeira situação refere quando os sujeitos nos diferentes acontecimentos são extremamente preocupados e cautelosos. Isto acontece mesmo nas situações que não necessitam de cautela. A segunda menciona que as pessoas exibem dificuldades em ultrapassar situações incômodas e humilhantes, ficando por muito tempo a pensar sobre essas. Por outro lado, existe as pessoas que obtêm baixa pontuação na subescala de Preocupação e são descritos como otimistas, com pensamento positivo. Estas pessoas são o contrário do primeiro tipo, visto que não apresentam qualquer dificuldade em ultrapassar situações que as possam ter envergonhado e são pouco cautelosos, até com o seu bem-estar físico (Cloninger 1987, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

O Medo da Incerteza (HA2) dita que os indivíduos com valores altos nesta subescala são bastante ansiosos em qualquer situação, demonstram medo em arriscar e não toleram situações de incertezas. Em oposição, os sujeitos com pontuação baixa nesta subescala são indivíduos confiantes, com poucos momentos de incertezas. São sujeitos que gostam de se aventurar independentemente do perigo (Cloninger 1987, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

A subescala Timidez (HA3) refere que quando os sujeitos têm valores altos nesta, são pessoas com dificuldades em confiar no outro, com grau elevado de timidez e com pouco à vontade nas relações sociais. Os indivíduos com valores baixos correspondem aqueles que gostam de interagir com o outro, sentindo-se confiantes nas suas relações sociais (Cloninger 1987, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

Por último, mas não menos importante, é a subescala Fadiga (HA4). Os sujeitos com valores elevados nesta subescala são aqueles que apresentam enorme cansaço, independentemente da tarefa precisando mais tempo de descanso para recuperar. Com valores mais baixos na Fadiga estão *“aqueles indivíduos energéticos e dinâmicos, permanecendo ativos por longos períodos de tempo e conseguem facilmente impulsionar o trabalho dos outros quando estes já se sentem mais fatigados”* (Cloninger 1987, Cloninger et al. 1994 citado por Kose, 2003, p. 89).

c) Dependência da recompensa (RD)

A *Dependência da recompensa* (RD) agrupa as subescalas seguintes: Sentimentalismo (RD1), Abertura à Comunicação (RD2), Ligação (RD3) e Dependência (RD4) (Moreira, et al 2017).

Os indivíduos que obtêm altos níveis de RD tendem a ser amorosos, calorosos, sensíveis, dedicados, dependentes e sociáveis. Procuram contato social e estão abertos a comunicação com outras pessoas. Também estes demonstram sensibilidade às pistas sociais, o que facilita as boas relações sociais e a compreensão dos sentimentos dos outros. *Uma grande desvantagem da alta RD envolve a facilidade com que outras pessoas podem influenciar os pontos de vista e sentimentos da pessoa dependente, possivelmente levando a perda de objetividade* (Cloninger 1987, Cloninger et al., 1994 cit in Kose, 2003, p.90).

Os indivíduos com baixos níveis de RD são descritos como práticos, difíceis, frios e socialmente insensíveis, gostam de estar sozinhos. Porém é essa independência de considerações sentimentais que leva a visões práticas e objetivas. Esse destacamento social também pode ser uma desvantagem *quando a falta de sensibilidade na comunicação social interfere com o cultivo de afiliações sociais benéficas* (Cloninger 1987, Cloninger et al., 1994 cit in Kose, 2003, p.90).

Na subescala Sentimentalismo (RD1), com valores altos na escala, são os sujeitos que não têm problemas em expressar as emoções, são sentimentais e compreensivos com

os seus pares. No entanto, aqueles com valores baixos na subescala apresentam-se como indivíduos práticos, relaxados, e pouco sentimentais (Cloninger 1987, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

Outra subescala da *Dependência da recompensa* designa-se de Abertura à Comunicação (RD2). E esta refere que os sujeitos com pontuação elevada são aqueles indivíduos que não apresentam dificuldades em falar sobre as suas experiências e sentimentos, apresentam facilidade em criar ligações afetivas com os outros e gostam de trabalhar em grupo. E com pontuação mais baixa tendem a ser indivíduos que não demonstram interesse nas relações afetivas, nem à vontade para falar sobre as suas experiências e sentimentos. Tendem a ser reservados e solitários (Serra, 2006).

A subescala Ligação (RD3) agrupa os indivíduos que não têm dificuldades em expor os seus sentimentos aos outros, potenciando a intimidade entre pares (indivíduos com altos valores na escala correspondente). Os sujeitos que apresentam desinteresse nas relações sociais, não gostam de expor as suas emoções, preferindo a confidencialidade e a privacidade, são aqueles cujos valores na subescala ligação tem pontuação mais baixa. (Cloninger 1987, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

Por último, na subescala Dependência (RD4), os indivíduos com valores altos na subescala, correspondem aqueles que estão sempre à procura da aceitação dos outros, cedem à pressão social, não conseguem lidar com a crítica, nem tomar decisões sozinhos. Estes tentam agradar os seus pares, mesmo que por vezes se coloquem em posições desfavoráveis. Com valores baixos nesta subescala estão os indivíduos cujos comportamentos não estão sujeitos a imposições da sociedade, não têm a necessidade de agradar os seus pares, nem procuram aprovação dos mesmos (Cloninger 1987, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

d) Persistência (PS)

A dimensão *Persistência* (PS) engloba Atitude de Esforço (PS1), Trabalho Árduo (PS2), Ambição (PS3) e Perfeccionismo (PS4) (Moreira, et al., 2017)

Com valores altos em PS os indivíduos surgem como trabalhadores, persistentes e estáveis apesar da frustração e da fadiga. Eles normalmente intensificam os seus esforços em resposta à recompensa antecipada. Gostam de se voluntariar e ficam ansiosos para começar a trabalhar em qualquer tarefa designada. *Estes tendem a perceber a frustração e*

a fadiga como um desafio pessoal, não desistem facilmente, tendem a ser ambiciosos e dispostos a fazer grandes sacrifícios para serem um sucesso. Um indivíduo altamente persistente pode tender a ser um perfeccionista e um adicto ao trabalho que o empurra muito além do que é necessário fazer (Cloninger et al., 1993, Cloninger et al., 1994 cit. in Kose, 2003, p. 91).

Os indivíduos com baixos valores de PS são vistos como indolentes, inativos, não confiáveis, instáveis e erráticos. Estes indivíduos não se voluntariam por qualquer coisa que não precisam fazer, e normalmente demoram mais tempo a começar o trabalho, mesmo que seja fácil de fazer. Também é de observar que tendem a desistir facilmente quando confrontados com frustração, crítica, obstáculos e fadiga. Os baixos valores manifestam um baixo nível de perseverança e comportamentos repetitivos mesmo em resposta à recompensa intermitente (Cloninger et al., 1993, Cloninger et al., 1994 cit. in Kose, 2003).

A Atitude de Esforço (PS1) é uma subescala da *Persistência*. Nesta subescala, os indivíduos que apresentam pontuações altas tendem a estar envolvidos em tarefas, desempenhando com eficácia e alternando com outras tarefas quando terminadas as anteriores. Porém, com pontuações baixas tendem a ser inativos e descuidados. Também são pouco esforçados e lentos na conclusão da tarefa (Serra, 2006).

Ainda, a subescala Trabalho Árduo (PS2) refere que com pontuação elevada estão aqueles indivíduos que gostam de desafios e que procuram leva-los até ao fim, resolvendo-os sem desistir. Com pontuação baixa estão os sujeitos opostos, ou seja, apresentam diversas dificuldades para levar até ao fim as tarefas, desistindo com facilidade perante os obstáculos (Serra, 2006).

A Ambição (PS3) é uma subescala no qual, os indivíduos que apresentam pontuações altas tendem a ser ambiciosos, e procuram sempre o êxito naquilo que fazem. Com pontuações baixas tendem a ser indivíduos menos motivados para a tarefa, não procurando melhorar, nem acreditar no sucesso (Serra, 2006).

Por fim, os indivíduos com valores altos na subescala Perfeccionismo (PS4) são descritos, como a própria escala indica, perfeccionistas em qualquer tarefa procurando sempre alcança-la com o melhor resultado em que o esforço depositado nesta, é sempre eminente. Por outro lado, valores mais baixos caracterizam os sujeitos que desistem com

facilidade perante o obstáculo, são mais pragmáticos e normalmente não se esforçam perante a tarefa apontada. (Serra, 2006).

No que concerne ao Carácter, a *Autodeterminação* define a dimensão responsável pela presença ou ausência do sujeito assumir o controlo, regulação, e adaptar os comportamentos à situação vivida. A *Cooperação* é o segundo elemento do Carácter e tem especial importância na relação com o outro, determina a identificação e aceitação do sujeito para com o par. Por fim, a *Autotranscendência* apesar de este elemento ser negligenciado assume uma grande pertinência na mudança de comportamento dos indivíduos, segundo os autores. (Cloninger et al., 1993).

Também o Carácter agrupa subescalas compreensivas das dimensões que este possui.

e) Autodeterminação (SD)

Como já foi referido, o Carácter agrupa a dimensão *Autodeterminação* (SD), que por sua vez apresenta subescalas de ordem inferior como a Responsabilidade (SD1), Intencionalidade (SD2), Recursos (SD3), Autoaceitação (SD4), Natureza Congruente (SD5) (Moreira, et al. 2017).

Quando os indivíduos pontuam alto na dimensão SD são descritos como maduros, fortes, autossuficientes, responsáveis, confiáveis, orientados para o objetivo, construtivos e bem integrados quando têm a oportunidade de liderança pessoal. Eles também apresentam boa autoestima e autoconfiança, são eficazes e capazes de adaptar o seu comportamento. Porém, em situações em que o indivíduo esteja obrigado a seguir as ordens dos outros em autoridade, eles podem ser vistos como criadores de problemas porque desafiam os objetivos e os valores da autoridade.

Por outro lado, os indivíduos com baixos níveis de SD são frequentemente imaturos, fracos, frágeis, culpados, destrutivos, ineficazes, irresponsáveis, pouco confiáveis e mal integrados quando não estão em conformidade com a direção de um líder maduro. (Cloninger et al., 1993, Cloninger et al., 1994 cit in Kose, 2003).

Quando se observa valores altos na subescala Identificação (SD1) pretende identificar os sujeitos que são vistos como os mais confiáveis e aceitam a responsabilidade dos seus comportamentos enquanto os indivíduos com valores mais baixos nesta, caracterizam-se por nunca reconhecerem a própria culpa, acusando os outros por

determinado acontecimento, sem admitir a responsabilidade das suas ações (Cloninger 1993, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

Outra subescala designa-se de Intencionalidade (SD2). E corresponde aos indivíduos que, com valores elevados nesta escala, agem de acordo com determinado objetivo, mesmo que o seu cumprimento seja difícil ou demorado. Por outro lado, com valores mais baixos, apresentam-se os indivíduos que não encontram nas suas vidas propósitos, vivendo a vida momentaneamente, sem planear nada (Cloninger 1993, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

Os indivíduos com valores altos na subescala Recursos (SD3) exibem criatividade e inovação nas suas formas de pensar e de agir, agarram os desafios de forma a revolucioná-los eficientemente e são extraordinariamente competentes no que fazem. Quando os valores nesta subescala são mais baixos, tendem a que os indivíduos tenham alguma dificuldade na resolução de problemas e necessitam que alguém os oriente (Cloninger 1993, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

A Autoaceitação (SD4) é uma subescala que descreve os indivíduos (com valores altos), que sabem aceitar as suas capacidades, reconhecendo as suas limitações e esforçam-se para colmatar estas. Indivíduos com valores baixos na subescala Autoaceitação propendem a não conhecer as suas capacidades, apresentam baixa autoestima e desejam ser outras pessoas (Cloninger 1993, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

Os indivíduos que apresentam pontuação alta na subescala Natureza Congruente (SD5) caracterizam-se por serem sujeitos com *“bons hábitos, atuam em função dos seus valores e objetivos através da autodisciplina, que por sua vez se torna um processo automático”* (Kose, 2003, p. 92). Em oposto, indivíduos com pontuações baixas na presente subescala, na maioria, não conseguem contrariar os seus impulsos momentâneos e confundem as suas prioridades (Cloninger 1993, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

f) Cooperação (CO)

A *Cooperação* (CO) reúne as subescalas seguintes: Aceitação social (CO1), Empatia (CO2), Disponibilidade (CO3), Compaixão (CO4) e Princípios (CO5) (Moreira, et al. 2017).

Com altos níveis de CO, estão os sujeitos empáticos, tolerantes, compassivos, solidários, justos e de princípios. Também é de acrescentar que gostam de cooperar com os

outros, entendem e respeitam as preferências e necessidades de outras pessoas, bem como as suas.

Em contraste, baixos níveis na dimensão CO são descritos como absorvidos, intolerantes, críticos, inúteis, vingativos e oportunistas (Cloninger et al., 1993, Cloninger et al., 1994 cit in Kose, 2003).

A Aceitação social (CO1) pretende caracterizar os sujeitos que são adequados no meio social, aceitam os pares independentemente das diferenças individuais (pontuação alta na subescala). Opostamente temos indivíduos que têm tendência a sentirem-se pouco confortáveis socialmente, e quando estão com os seus pares são intolerantes e impacientes com estes (baixa pontuação na escala) (Cloninger 1993, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

A subescala Empatia (CO2), ostenta os indivíduos, que obtêm pontuação elevada, tendem a saber compreender e a não julgar os outros. E ainda, sabem colocar-se no lugar dos pares e tratam-nos com dignidade e respeito. Quando os sujeitos apresentam pontuação baixa na subescala Empatia, tendem a ser indivíduos que não têm preocupação com o ser humano em geral, não se preocupam e não demonstram respeito pelos pares (Cloninger 1993, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

Com valores elevados na subescala Disponibilidade (CO3), estão os indivíduos que preferem trabalhar com grupos de pessoas, querem ser úteis para com os outros e demonstram gostar de motivar os seus pares. Contrariamente ao que foi referido, os indivíduos com valores mais baixos, são descritos como egocêntricos e egoístas, preferindo o trabalho individual ao de grupo (Cloninger 1993, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

Na subescala Compaixão (CO4), os indivíduos com valores altos, tendem a ser compreensivos com os outros, até mesmo nas situações mais desconfortáveis. São apresentados como indivíduos bondosos e com grande compaixão. Por outro lado, com valores baixos, estão aqueles que procuram vingança e podem ser: Visível ou disfarçado. Quando é do tipo visível, os indivíduos são vistos como agressivos para com os outros, emocionalmente ou através de agressões físicas. O segundo tipo, o disfarçado, refere aqueles indivíduos que apresentam comportamentos passivos, com a intenção de magoar os seus pares (Cloninger 1993, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

Por fim, a subescala Princípios (CO5). Os indivíduos que obtém pontuação elevada nesta são observados como honestos, genuínos, comportam-se de acordo com os seus princípios éticos e tendem a ser conscientes dos seus atos. O mesmo não é descrito naqueles com pontuações baixas. Este são vistos como indivíduos que não medem as consequências dos seus atos, e que fazem de tudo para atingir os seus objetivos, mesmo que isso prejudique as pessoas que os rodeiam. São indivíduos egoístas e manipuladores (Cloninger 1993, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

g) *Autotranscendência (ST)*

Na Autotranscendência (ST) existe as subescalas seguintes: Esquecimento (ST1), Identificação Transpessoal (ST2) e Aceitação Espiritual (ST3) (Moreira et al., 2017).

Quanto os sujeitos obtém pontuação alta na dimensão ST, normalmente são descritos como despreziosos, satisfeitos, pacientes, criativos, altruístas e espirituais. Esses indivíduos parecem tolerar ambiguidade e incerteza, são humildes e modestas. Os indivíduos referidos apresentam vantagens adaptativas quando uma pessoa é confrontada com o sofrimento e a morte.

No entanto, com baixa pontuação tendem a ser orgulhosos, impacientes e sem imaginação, sem reconhecimento da arte, autoconscientes, materialistas e insatisfeitos. Eles não toleram ambiguidade, incerteza e surpresas, uma vez que têm que controlar quase tudo. É de referir que estes são admirados nas sociedades ocidentais pelo seu sucesso racional, científico e materialista (Cloninger et al., 1993, Cloninger et al., 1994 cit in Kose, 2003).

A escala de Esquecimento (ST1) é a subescala que agrupa os indivíduos, com pontuações elevadas nesta, que são identificados como despistados ou distraídos. Num relacionamento ou quando se concentram no que estão a fazer, parece que estes tendem a perder a noção do tempo como se fossem para um mundo só deles. Contrariamente, os indivíduos com valores baixos na subescala apresenta-se como muito focados no que fazem, não se deixam deslumbrar pela arte nem pela beleza (Cloninger 1993, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

Na subescala Identificação Transpessoal (ST2), os indivíduos com valores altos na escala, são extremamente ligados à natureza e ao ser humano. Estes indivíduos são idealistas, e não têm problemas em fazer sacrifícios pelo ser humano. Em contraste, com

baixos valores, estão os indivíduos vistos como individualistas. Estes não demonstram qualquer vínculo com a natureza nem com as pessoas no geral (Cloninger 1993, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

Por último, existe a subescala Aceitação Espiritual (ST3). Esta subescala agrupa os indivíduos, com valores altos, que “*geralmente acreditam em milagres, experiências extrassensoriais e outros fenômenos e influências espirituais, como a telepatia e o sexto sentido*” (Cloninger et al.1993, Cloninger et al. 1994 citado por Kose, 2003, p. 94). São pessoas, que conseguem lidar de forma bastante satisfatória com o sofrimento e tendem a ser bastante devotas. Por outro lado, com baixos valores, estão os indivíduos que não acreditam em coisas que não podem ser explicadas cientificamente, são racionais e sentem desconforto nas situações que não conseguem explicar através da ciência (Cloninger 1993, Cloninger et al. 1994 cit in Kose, 2003).

1.2.4 Personalidade nos Jovens

Como o público-alvo deste estudo foram os jovens adolescentes, achou-se que seria pertinente falar de forma mais pormenorizada sobre esta etapa fundamental no desenvolvimento dos jovens, e mais especificamente no desenvolvimento da personalidade.

A entrada na adolescência é vivida de diversas formas pelas diferentes sociedades, e mesmo ao longo dos tempos foi definida de forma muito diferente dos dias de hoje. (Papalia, Olds & Feldman, 2001). Até ao séc. XX as crianças eram consideradas adultas quando “*amadureciam fisicamente ou quando iniciavam formação profissional*” (Papalia, Olds & Feldman, 2001, p.508). Hoje em dia, é caracterizada por ser uma etapa em que ocorre uma “*transição desenvolvimental entre a infância e a idade adulta, que implica importantes mudanças inter-relacionadas ao nível físico, cognitivo e psicossocial*” (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

A etapa da adolescência é provavelmente a etapa que existem as maiores dúvidas, inúmeras mudanças, inseguranças e medos. É nesta fase da vida que o adolescente desenvolve dimensões que irão fazer parte deste como adulto (Ferreira, 2013 cit in Cruz, Santos & Rodrigues, 2016).

É na adolescência que o jovem se apercebe das transformações a diversos níveis, incluindo a nível interno, começando por tentar dominar este processo (Dos Anjos, 2014).

Iniciam uma *“maturação diversificada, constroem a sua identidade, os seus pontos de referência, escolhem o seu caminho profissional e o seu projeto de vida”* (Ferreira & Nelas, 2016, p.141). E ainda, pode ser diferenciada pelos marcadores da adolescência, em que se considera que a entrada na idade adulta ocorre quando os indivíduos *“ são auto-suficientes ou quando escolheram uma carreira, casaram, estabeleceram uma relação significativa ou organizaram uma família”* (Papalia, Olds & Feldman, 2001, p.508). Também a maturidade do adolescente influencia os marcadores desta etapa. Existe a maturidade cognitiva que é quando o sujeito consegue ter pensamentos abstratos e a maturidade emocional que se distingue por aquilo que o sujeito adquire nesta fase de desenvolvimento, ou seja, descobrir a sua identidade, independência dos pais, desenvolver valores e criar relações (Papalia, Olds & Feldman, 2001).

A compreensão da construção da personalidade auxilia a perceber como é apresentado determinado comportamento, independentemente da tarefa para a própria idade, e a razão pela qual as etapas de desenvolvimento são adquiridas em idades diferentes (Vayer & Roncin, 1988).

A adolescência é uma etapa crucial na vida humana, dado que a resposta positiva ou negativa às mudanças, desafios e oportunidades, estando dependente da personalidade de cada indivíduo, vai modelar essa mesma personalidade e exercer uma influência determinante na construção de um modo de vida e de uma identidade adulta (Marques, 2011, p.33).

De acordo com a literatura, é possível perceber que a personalidade é um tema deveras estudado. Alguns autores acreditam que existem 2 formas de conhecer o modo de como os traços de personalidade mudam ao longo do tempo. Roberts e DelVecchio sugerem que deve-se estudar a estabilidade do traço no indivíduo que aumenta ao longo da vida e designa-se como princípio da continuidade cumulativa (Caspi, Roberts & Shiner, 2005). Outro princípio interessante é o relativo à maturidade do sujeito, em que existe uma avaliação do desenvolvimento médio de um traço em diferentes idades (Roberts, Walton & Viechtbauer, 2006 cit in Caspi, Roberts & Shiner, 2005), no entanto, este segundo princípio é contestado, ao que se acredita que os adolescentes apenas atingem alguns momentos de maturidade e que acontece nas transições biológicas, sociais e psicológicas nesta etapa (Caspi, Roberts & Shiner, 2005).

Para Leontiev a personalidade é fruto das interações com outros seres humanos (Dos anjos, 2014) e é encarada segundo a sua estrutura e dinâmica (Vygotski, 1996 cit in Dos anjos, 2014).

O desenvolvimento da personalidade é um processo contínuo. Com base no modelo psicobiológico de Cloninger, o Temperamento e o Caráter têm diferentes padrões de desenvolvimento (Josefsson, Jokela, Cloninger, Hintsanen, Salo, Hintsanen, et al. 2013). As características dos jovens influenciam e são influenciadas por fatores biológicos e ambientais, moderando também as influências biológicas e ambientais sobre o comportamento (Caspi, Roberts & Shiner, 2005). A construção da personalidade é um processo único de cada sujeito no qual existe variações hereditárias, influências do meio ou experiências anteriores que condicionam a construção dinâmica desta (Carvalho, 2009).

1.3 Relação entre o Envolvimento com a Sustentabilidade e a Personalidade

Através da revisão bibliográfica, foi possível constatar que devido ao desgaste ambiental que se tem presenciado, as pessoas tendem a tentar mudar hábitos ambientais. Um dos exemplos desta mudança é ao nível na compra dos consumidores, ou seja, existe mais compras por produtos menos destrutores do meio ambiente, optando por produtos ecológicos (Barber, Taylor & Strick, 2009) procurando assim minimizar o impacto negativo sobre o planeta.

Uma das maneiras de estudar os consumidores é procurar estudar a personalidade. A personalidade surge como uma dimensão que ao contrário do que se pensava há uns anos atrás, pode prever comportamentos de consumo (Monteiro, Veiga & Gonçalves, 2009).

De acordo com a investigação, os fatores de personalidade influenciam a probabilidade dos sujeitos para apresentar comportamentos sustentáveis (Milfonte & Sibley, 2012). Face a esta conclusão realizar-se-á uma síntese de estudos similares a esta conclusão.

Os estudos de Milfont e Sibley (2012) focaram-se nas associações entre os traços de personalidade do modelo Big Five com a preocupação ambiental, a nível individual e nacional. Esta investigação permitiu conclusões que merecem uma especial atenção, visto que a *Disposição*, a *Consciência* e a *Abertura à experiência* foram os preditores principais.

Porém, também observou-se que houve menos associações para a *Extroversão* e *Neuroticismo*.

Mais tarde, Hirsh (2014) estudou os traços de personalidade que pudessem ser preditores significativos da sustentabilidade ambiental (SA) de um país, o que coincide com a mesma linha de estudo dos autores anteriores. Hirsh procurou as diferenças entre a relação da personalidade com a preocupação ambiental nos diferentes países.

Os dois estudos são muito similares. Partilham diversas condições, como o modelo que serve de base às investigações, ou seja, o Modelo Big Five. O objeto de estudo e a base de dados onde apoiaram os estudos são semelhantes. O objeto de estudo partilhado diz respeito à análise de duas variáveis imprescindíveis para os dias de hoje. As variáveis identificadas são a personalidade e o envolvimento dos sujeitos com a SA e em função disso, os autores dos artigos acharam pertinente conhecer a relação entre a personalidade e o envolvimento dos sujeitos com a SA, ou seja, de que forma as duas estão relacionadas e como a partir desta relação é possível prever comportamentos associados ao envolvimento dos sujeitos com a SA. Dada a importância das diferenças de personalidade na previsão de uma variedade de comportamentos sociais, os estudos identificados exploraram esta possibilidade, examinando as diferenças dos 5 traços de personalidade em relação à SA. Como principais resultados destaca-se que dentro do domínio ambiental, dois traços de personalidade nos dois estudos como preditores de preocupação ambiental e comportamento: *Disposição e Abertura* (Milfont e Sibley, 2012; Hirsh, 2014).

A diferença entre as investigações anteriores e a investigação que o atual estudo exhibe, diz respeito ao modelo utilizado para estudar a personalidade. Neste estudo, o modelo utilizado é o do autor Cloninger com o modelo psicobiológico e os seus instrumentos de avaliação da personalidade em adolescentes, adaptados à população portuguesa por Moreira. Nos estudos anteriores, o modelo usado foi maioritariamente o do Big Five. Porém, também ao nível da avaliação do envolvimento com a sustentabilidade existe uma novidade. É através do instrumento de Moreira que foi possível realizar a avaliação dos adolescentes portugueses relativamente ao seu envolvimento com as práticas sustentáveis. Este é um instrumento relativamente recente.

Há estudos sobre a personalidade que baseiam-se na tentativa de antecipação de condutas, prevendo assim comportamentos. E em função da sua previsão, seria interessante controlar ou modificar estes. Logo para Veríssimo (2000) o estudo da personalidade é um

método para conhecer o que as pessoas fazem e como o fazem. Para o autor é a “*configuração de disposições características individuais e de propensão para modos de agir que determinam e descrevem a adaptação e/ou a forma singular de ajustamento ao ambiente*” (Veríssimo, 2000, p.9).

De encontro ao que foi referido, parece igualmente pertinente salientar o estudo de Fraj e Martinez que permitiu perceber que o sujeito age perante o meio ambiente em função do seu tipo de personalidade. Algumas das conclusões deste estudo foram relativamente aos consumidores, ou seja, “*os consumidores que se preocupam com o ambiente compram produtos ecológicos por razões ambientais e os sujeitos mais extrovertidos e altruístas participam mais em conferências e movimentos ecológicos e pertencem a algum grupo ambiental*” (Fraj e Martinez, 2006 citado por Cardoso & Cairrão, 2007, p. 128).

Outro estudo pertinente é o de Mowen (2000) que procurou estudar a validade do modelo Metateórico de Motivação e Personalidade (3M) para explicar comportamentos de consumo (Monteiro, Veiga & Gonçalves, 2009). Este projeto apresentou diversos objetivos como:

1) Contribuir para o incremento de investigações do relacionamento entre personalidade e consumo; 2) testar a validade do Modelo 3M; 3) identificar como os traços de personalidade podem explicar comportamentos de consumo, tendo como exemplo a participação em desportos e hábitos de moda; 4) oferecer bases de segmentação de consumidores com base na personalidade (citado por Monteiro, Veiga & Gonçalves, 2009, p. 4).

Os participantes do estudo foram alunos universitários em que a média de idade foi de 26,5 anos e 51,8% dos elementos eram do sexo masculino. A principal conclusão do estudo foi de que a personalidade pode prever comportamentos de consumo (Monteiro, Veiga & Gonçalves, 2009) o que indica um bom indicador para o estudo desta dissertação.

Efetivamente, o estudo da personalidade pode auxiliar a prever comportamentos, nomeadamente comportamentos associados à SA, indicando o envolvimento do sujeito com o meio ambiente e é através desta hipótese que a atual investigação está sustentada.

1.4 Objetivo de Estudo

Perante os estudos já realizados foi possível apurar que ainda não se estudou o envolvimento dos jovens com a sustentabilidade global através do modelo de Cloninger. O que parece importante para este estudo, visto que o modelo do autor estuda dimensões subjacentes à personalidade e que podem prever comportamentos, que neste caso, espera-se a predição de comportamentos que envolvam a sustentabilidade global.

Perante isto o objetivo do estudo foi conhecer a relação entre a personalidade e o envolvimento com as questões da sustentabilidade global em jovens adolescentes a partir do Inventário de Temperamento e Caráter- versão Júnior (JTCI) de Cloninger (1993) e o Inventário de Envolvimento com a Sustentabilidade Global-Jovem (IESG-J) de Moreira (2017) que avalia o envolvimento dos jovens com a sustentabilidade.

1.5 Questão de investigação

As dimensões de personalidade estão correlacionadas com as de envolvimento com a sustentabilidade global em adolescentes?

1.6 Hipóteses

As hipóteses construídas para este estudo que pretendem ser testadas são:

H0: As dimensões de Personalidade e as de Envolvimento com a Sustentabilidade Global não estão correlacionadas.

H1: As dimensões de Personalidade e as de Envolvimento com a Sustentabilidade Global estão correlacionadas

H2: Existem diferenças entre géneros dos participantes ao nível do envolvimento com a sustentabilidade global.

H3: A idade está positivamente correlacionada com o nível de envolvimento com a sustentabilidade global.

2 Metodologia

Segundo a metodologia clássica o presente estudo é um *design* correlacional, do qual avalia a relação entre duas variáveis, Personalidade e Sustentabilidade Global.

De acordo com Montero e Leon é um estudo Ex-pós facto, segundo plano de investigação retrospectivo (Montero & León, 2007).

2.1 Participantes

Para o presente estudo, participaram 405 jovens ($n=405$), 171 do sexo masculino e 232 do sexo feminino, sendo que dois sujeitos não discriminaram o sexo (Tabela 1), com idades compreendidas entre os 10 e 20 anos de idade, sendo que 0,2% da amostra tem 10 anos de idade, 1% da amostra 11 anos de idade, 6,4% da amostra 12 anos de idade, 17,5% da amostra 13 anos de idade, 25,7% da amostra 14 anos de idade, 18,5% da amostra 15 anos de idade, 17,8% da amostra 16 anos de idade, 6,4% da amostra 17 anos de idade, 4% da amostra 18 anos de idade, 0,7% da amostra 19 anos de idade, 0,2% da amostra 20 anos de idade e 1,5% da amostra não discriminaram a sua idade (Tabela 2), assim a amostra apresenta uma média de idades de 14,39 ($DP=1,61$), com graus de escolaridade compreendidos entre o quinto ano de escolaridade e o décimo segundo ano, sendo que 1% frequenta o quinto ano, 4,2% o sexto ano, 6,9% o sétimo ano, 26,7% o oitavo ano, 29,9 o nono ano, 14,8% o décimo ano, 9,9% o décimo primeiro, 4,2 o décimo segundo e 2,2% não discrimina o ano escolar que frequenta (Tabela 3).

A amostra foi recolhida em algumas escolas da zona norte, em clubes de Gondomar e numa associação de escoteiros e ainda uma associação comunitária. De forma mais pormenorizada, houve 73 participantes da Escola A, 28 participantes atletas do Clube A, 19 participantes da Associação comunitária A, 62 participantes da Escola B, 99 participantes da Escola C, 40 participantes dos Escuteiros A, 15 participantes do Clube B e 69 participantes referentes á rede de contactos do investigador (Tabela 4).

Relativamente à escolaridade dos pais, mais de 70% dos Pais e Mães tem escolaridades compreendidas entre o sexto ano e décimo segundo ano, sendo que a presença de educadores com estudos superiores nas Mães é de 12,3% e nos Pais de 7,2%, (tabelas 5 e 6, respetivamente).

Os critérios de inclusão para o estudo foram os seguintes: Ter idade compreendida entre 10 e os 20 anos; Ter nacionalidade Portuguesa; Ter o consentimento informado assinado pelo encarregado de educação;

O critério de exclusão para o estudo foi apresentar défice cognitivo identificado.

Tabela 1.

Caracterização da amostra segundo o género dos participantes

| Género | Frequência | Percentagem | Percentagem válida | Percentagem cumulativa |
|----------------|------------|-------------|-----------------------|---------------------------|
| Masculino | 171 | 42,2 | 42,4 | 42,4 |
| Feminino | 232 | 57,3 | 57,6 | 100,0 |
| Total | 403 | 99,5 | 100,0 | |
| Não discrimina | 2 | 5 | | |
| Total | 405 | 100,0 | | |

Tabela 2.

Caracterização da amostra segundo a idade dos participantes

| Idade | Frequência | Porcentagem | Porcentagem Cumulativa |
|----------------|------------|-------------|------------------------|
| 10 | 1 | ,2 | ,3 |
| 11 | 4 | 1,0 | 1,3 |
| 12 | 26 | 6,4 | 7,8 |
| 13 | 71 | 17,5 | 25,6 |
| 14 | 104 | 25,7 | 51,6 |
| 15 | 75 | 18,5 | 70,4 |
| 16 | 72 | 17,8 | 88,5 |
| 17 | 26 | 6,4 | 95,0 |
| 18 | 16 | 4,0 | 99,0 |
| 19 | 3 | ,7 | 99,7 |
| 20 | 1 | ,2 | 100,0 |
| Total | 399 | 98,5 | |
| Não discrimina | 6 | 1,5 | |
| Total | 405 | 100,0 | |

Tabela 3.

Caracterização da amostra segundo o ano escolar dos participantes

| Ano escolar | Frequência | Porcentagem | Porcentagem Cumulativa |
|----------------|------------|-------------|------------------------|
| 5 | 4 | 1,0 | 1,3 |
| 6 | 17 | 4,2 | 5,6 |
| 7 | 28 | 6,9 | 12,6 |
| 8 | 108 | 26,7 | 39,9 |
| 9 | 121 | 29,9 | 70,5 |
| 10 | 60 | 14,8 | 85,6 |
| 11 | 40 | 9,9 | 95,7 |
| 12 | 17 | 4,2 | 100,0 |
| Total | 396 | 97,8 | |
| Não discrimina | 9 | 2,2 | |
| Total | 405 | 100,0 | |

Tabela 4.

Instituição de recolha de amostra

| | Frequência | Percentagem | Percentagem válida | Percentagem cumulativa |
|--------------------------|------------|-------------|-----------------------|---------------------------|
| Escola A | 73 | 18,0 | 18,0 | 18,0 |
| Clube A | 28 | 6,9 | 6,9 | 24,9 |
| Associação comunitária A | 19 | 4,7 | 4,7 | 29,6 |
| Escola B | 62 | 15,3 | 15,3 | 44,9 |
| Escola C | 99 | 24,4 | 24,4 | 69,4 |
| Escuteiros A | 40 | 9,9 | 9,9 | 79,3 |
| Outros | 69 | 17,0 | 17,0 | 96,3 |
| Clube B | 15 | 3,7 | 3,7 | 100,0 |
| Total | 405 | 100,0 | 100,0 | |

Tabela 5.

Escolaridade das Mães

| Escolaridade | Frequência | Percentagem | Percentagem válida | Percentagem cumulativa |
|----------------------------|------------|-------------|--------------------|---------------------------|
| 1 ciclo(4ano) | 40 | 9,9 | 10,8 | 10,8 |
| 2 ciclo (6ano) | 78 | 19,3 | 21,0 | 31,8 |
| 3 ciclo (9 ano) | 110 | 27,2 | 29,6 | 61,5 |
| E. Secundário (12º ano) | 92 | 22,7 | 24,8 | 86,3 |
| Licenciatura | 45 | 11,1 | 12,1 | 98,4 |
| Mestrado | 4 | 1,0 | 1,1 | 99,5 |
| Doutoramento | 1 | ,2 | ,3 | 99,7 |
| Total | 371 | 91,6 | 100,0 | |
| Não discrimina | 34 | 8,4 | | |
| Total | 405 | 100,0 | | |

Tabela 6.

Escolaridade dos Pais

| Escolaridade | Frequência | Percentagem | Percentagem válida | Percentagem cumulativa |
|-------------------------|------------|-------------|--------------------|------------------------|
| 1º ciclo (4º ano) | 51 | 12,6 | 14,1 | 14,1 |
| 2º ciclo (6º ano) | 92 | 22,7 | 25,4 | 39,5 |
| 3º ciclo (9º ano) | 101 | 24,9 | 27,9 | 67,4 |
| E. Secundário (12º ano) | 85 | 21,0 | 23,5 | 90,9 |
| Licenciatura | 27 | 6,7 | 7,5 | 98,3 |
| Mestrado | 6 | 1,5 | 1,7 | 100,0 |
| Total | 362 | 89,4 | 100,0 | |
| Não discrimina | 43 | 10,6 | | |
| Total | 405 | 100,0 | | |

2.2 Instrumentos de avaliação

De seguida, irá ser realizada uma breve descrição dos instrumentos utilizados, assim como dos instrumentos de origem do estudo. Será importante referir que os instrumentos utilizados estão adaptados à população portuguesa. Os instrumentos usados foram apenas o JTCI e o IESG, sendo que a descrição do TCI apenas serve para mostrar como o JTCI surgiu. Também de acrescentar que recolheu-se através de um questionário os dados sociodemográficos, nomeadamente dados pessoais do adolescente e dos respetivos pais.

Inventário do Temperamento e do Carácter

O instrumento selecionado para avaliar a personalidade foi o Inventário de Temperamento e Carácter- versão Júnior (JTCI) de Cloninger (1999), mais concretamente a versão adaptada para a população portuguesa (Moreira et al., 2012). O instrumento foi construído a partir do Inventário do Temperamento e do Carácter (TCI) do mesmo autor.

O TCI um questionário que propõe avaliar a personalidade de adultos e que utiliza o modelo psicobiológico da personalidade de Cloninger. É um instrumento com 240 itens, e avalia quatro dimensões de Temperamento e três referentes ao carácter através de respostas de verdadeiro ou falso (Serra, 2006; Veríssimo, 2008).

O TCI-R é um inventário de personalidade que evoluiu a partir do instrumento original TCI. O instrumento apresenta algumas diferenças em comparação com o TCI. Uma das diferenças é que que ambos os instrumentos têm o mesmo número de itens, mas apenas 189 itens são comuns às duas versões. Outra diferença entre os dois instrumentos é na forma de resposta aos itens, em que no TCI-R, as respostas são de acordo com a escala Likert de 1 a 5, em vez do verdadeiro e falso da versão anterior (Serra, 2006).

Todavia, houve a necessidade de desenvolver um instrumento que avaliasse a população infantil, visto que o TCI tem como alvo a população adulta (Luby, Svrakic, McCallum, Przybeck & Cloninger, 1999).

Inventário de Temperamento e Caráter- versão Júnior

O *Junior temperament and character inventory* (JTCI) original de Cloninger apresenta 127 itens do qual a resposta do jovem terá que posicionar-se numa escala de tipo Likert, no qual, 1- totalmente falso, 2-maioritariamente falso, 3- não consigo decidir, 4-maioritariamente verdadeiro e 5- totalmente verdadeiro. Este instrumento avalia as 7 dimensões que assentam no modelo psicobiológico do autor, anteriormente referido (Moreira et al., 2012).

O instrumento foi adaptado para população portuguesa por Moreira e colaboradores (2012). A validação do JTCI para Portugal contou com uma amostra de 801 estudantes, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. O instrumento avalia 4 dimensões de Temperamento e 3 de Caráter e apresenta boas propriedades psicométricas. As escalas do JTCI apresentaram variabilidade substancial entre indivíduos e tiveram boa validade de construção. O instrumento de avaliação referido apresenta 75 itens que pretendem avaliar o Temperamento e 52 itens que avaliam o Caráter (Moreira et al., 2012).

Inventário de Envolvimento com a Sustentabilidade Global-Jovem

O instrumento para avaliar a sustentabilidade é o Inventário de Envolvimento com a Sustentabilidade Global-Jovem (IESG-J) e é um instrumento de auto-relato, constituído por 54 itens, avaliados em escala *likert* de 5 valores de 1 = Totalmente Falso a 5 = Totalmente Verdadeiro. A elevação na pontuação total indica maior envolvimento com a sustentabilidade global (Moreira, 2017).

Uma vez que a agência das Nações Unidas para a Agricultura e os Sistemas alimentares (FAO) tem sido uma das organizações que mais se debruça no estudo das

dimensões de sustentabilidade, torna-se lógico que o modelo adotado para a construção do instrumento que avalia o envolvimento sustentável tenha sido debruçado na FAO (Moreira, 2017).

De acordo com Moreira (2017), é a interação do construto do envolvimento com a escola na relação com a Sustentabilidade Global e em função desta relação permite avaliar as experiências dos adolescentes através de duas dimensões relevantes: dimensão individual e dimensão contextual.

A *Dimensão Individual* é constituída por 3 subdimensões: Envolvimento Cognitivo (sistema de crenças, expectativas e locus de controlo em relação à sustentabilidade global), Emocional (experiência emocional associada às questões da sustentabilidade) e Comportamental (ações relacionadas com a sustentabilidade) (Moreira, 2017).

A *Dimensão Contextual* capta as dimensões contextuais (relações interpessoais) que, em geral, exercem maior influência nas experiências relacionadas com a Sustentabilidade Global de crianças e adolescentes, e inclui 3 subdimensões: Apoio da Família para o Envolvimento para a Sustentabilidade Global (perceção do adolescente acerca do grau em que a família é sensível e apoia as questões da sustentabilidade); Apoio dos Professores/Escola (perceção acerca do grau em que a escola é sensível, promove e aborda as questões da sustentabilidade global); Apoio dos Pares (perceção acerca do grau em que os colegas/amigos são sensíveis às questões da sustentabilidade e têm atitude pró-sustentabilidade); e a última subdimensão é referente à Desejabilidade Social (perceção do adolescente acerca do que é esperado dele com o intuito de promover comportamentos adaptativos ao contexto). A escala de Desejabilidade Social permite reconhecer os questionários que possam ser mais influenciados por uma tendência marcada do seu respondente para responder mais de acordo com o que é a sua perceção do que é socialmente valorizado do que com a sua realidade. De forma a garantir o máximo de seriedade do estudo foi inserido itens de validade, pretendendo com esta medida, despistar casos de inventários que tenham sido respondidos sem consideração pelo conteúdo dos itens (Moreira, 2017).

2.3 Procedimentos

2.3.1 Procedimentos de Recolha de dados

Para levar a cabo a presente investigação foram necessários alguns passos que passaremos de seguida a apresentar.

Os procedimentos deste estudo consistiram, essencialmente numa primeira fase, no pedido de autorização para recolher os dados nas escolas públicas e para isso houve a necessidade de pedir autorização à Direção Geral de Educação. No seguimento deste pedido obteve-se também a validação da Comissão Nacional de Proteção de Dados. Depois destes momentos fulcrais para o bom funcionamento do estudo, foi dado a cada diretor/responsável da instituição um documento descritivo do estudo e dos objetivos do estudo.

Relativamente ao consentimento informado foi dado um documento aos encarregados de educação, visto os intervenientes serem menores de idade e outro documento aos adolescentes, que contemple o seu livre desejo de participar neste estudo. Este procedimento tem plasmada a natureza e os objetivos do estudo e assegura a forma voluntária e de carácter confidencial dos sujeitos.

No meio escolar, contou-se com uma breve explicação dos objetivos do estudo e o agradecimento da colaboração. A administração dos instrumentos de avaliação aos adolescentes durou cerca de 60 a 90 minutos a sua conclusão.

No que concerne à aplicação dos protocolos de avaliação em outras instituições, foi realizado de maneira distinta. As instituições escolhidas para o efeito tiveram dificuldades em facultar tempo para a realização do protocolo de avaliação, e para isso houve a necessidade de arranjar forma que estivesse apropriada para ambos, quer a instituição acolhedora, quer para os investigadores do estudo. Neste caso, após a explicação dos instrumentos de avaliação, os adolescentes levaram para casa com intuito de preencherem o protocolo e devolverem assim que concluído. Qualquer dúvida surgida, os investigadores poderiam auxiliar através do contacto de correio eletrónico ou pessoalmente, sempre que fosse pertinente.

É de destacar que a inclusão destes instrumentos de avaliação apenas foi considerada quando os documentos de autorização foram devidamente preenchidos pelos encarregados de educação, assim como os documentos de autorização por parte do próprio respondente.

2.3.2 Procedimentos de Análise de dados

A técnica da seleção da amostra foi por conveniência, sendo que a amostra foi não probabilística.

É de salientar que a análise dos dados foi desenvolvida no SPSS 23 (Statistical Package for Social Sciences).

3 Resultados

Começaremos por fazer a análise descritiva dos dados referentes ao envolvimento com a sustentabilidade global e qual a relação com a personalidade dos jovens estudados. Posteriormente procederemos à apresentação e caracterização dos resultados obtidos.

Na tabela 7 estão explicitas as associações do teste de correlação de Pearson entre as dimensões do inventário de envolvimento com a sustentabilidade global (IESG) composta pela dimensão Individual constituída pelas subdimensões Envolvimento Cognitivo, Experiência Emocional e Comportamental e dimensão Contextual formada pelas subdimensões Apoio Familiar, Apoio Escolar e Desejabilidade Social com as dimensões do JTCI.

A tabela 7.1 apresenta os valores correlação de Pearson dos dados entre a idade dos participantes e como esta se correlaciona com as dimensões da personalidade através do JTCI e dimensões e subdimensões do IESG-J.

Na tabela 8 pode-se observar as diferenças de médias entre géneros através do teste t student relativamente ao JTCI e na tabela 11 está representado a mesma relação mas com as dimensões do IESG-J

3.1 Correlação entre JTCI e IESG

A hipótese de investigação H1: A Personalidade e o Envolvimento com a Sustentabilidade Global estão relacionados, verifica-se através da informação fornecida pela tabela 7, que existe relação entre os dois instrumentos.

Com este estudo verificou-se que existe associações negativas entre o Envolvimento Cognitivo (dimensão do avaliada pelo IESG) e a Procura de Novidade (avaliada pelo JTCI) ($r = -.258, p=.01$) e associações positivas com Procura de Recompensa ($r = .166, p=.01$), Persistência ($r = .208, p=.01$), Autodiretividade ($r = .323, p=.01$) e Cooperação ($r = .280, p=.01$). No entanto não houve associações entre o Envolvimento Cognitivo e o Evitamento de Perigo e também não houve com a dimensão Autotranscendência.

Na subdimensão Envolvimento Emocional apurou-se associações negativas com a Procura de Novidade ($r = -.235, p=.01$), e associações positivas com as dimensões seguintes do JTCI: Procura de Recompensa ($r = .224, p=.01$); Persistência ($r = .308, p=.01$); Autodiretividade ($r = .272, p=.01$); Cooperação ($r = .318, p=.01$); Autotranscendência ($r = .141, p=.01$); Porém, é necessário acrescentar que a subdimensão

Envolvimento Emocional não teve associações significativas com o Evitamento de Perigo nem com Autotranscendência, tal como foi visto na subdimensão anterior.

Na subdimensão do IESG, mais concretamente o Envolvimento Comportamental, foram observadas associações positivas com a dimensão Persistência ($r = .110, p=.05$) e Autotranscendência ($r = .167, p=.01$); não foram observadas associações negativas; O Envolvimento Comportamental não teve qualquer associação significativa com as dimensões seguintes, tal como Procura de Novidade; Evitamento de Perigo; Procura de Recompensa; Autodiretividade; e Cooperação.

No Envolvimento Familiar houve associações negativas com a Procura de Novidade ($r = -.467, p=.01$) e associações positivas com Procura de Resposta ($r = .322, p=.01$); Persistência ($r = .464, p=.01$); Autodiretividade ($r = .524, p=.01$); Cooperação ($r = .605, p=.01$); e Autotranscendência ($r = .222, p=.01$); É de notar que não houve associações significativas com Evitamento de Perigo;

A subdimensão Envolvimento Escolar apresenta associações positivas com a dimensão Evitamento de Perigo ($r = .088, p=.05$); Persistência ($r = .115, p=.01$); e Autotranscendência ($r = .088, p=.05$); Nesta, não se observa associações significativas entre o Envolvimento Escolar e Procura de Novidade; Procura de Recompensa; Autodiretividade; e Cooperação.

Também foi observado associações negativas entre a Desejabilidade Social e Procura de Novidade ($r = -.251, p=.01$); As associações positivas encontradas associam a Desejabilidade Social com Procura de Resposta ($r = .169, p=.01$); Persistência ($r = .443, p=.01$); Autodiretividade ($r = .387, p=.01$); Cooperação ($r = .336, p=.01$); No entanto, quanto as seguintes não houve associações significativas, ou seja não houve associações entre a Desejabilidade Social e Evitamento de Perigo; e Autotranscendência.

A dimensão Envolvimento Individual do IESG, esta associada negativamente à dimensão Procura de Novidade ($r = -.183, p=.01$); Porém, esta dimensão do IESG está associada positivamente com a Procura de Resposta ($r = .193, p=.01$); Persistência ($r = .281, p=.01$); Autodiretividade ($r = .200, p=.01$); Cooperação ($r = .244, p=.01$); e ainda, Autotranscendência ($r = .159, p=.01$); Note-se que não houve associações significativas entre esta dimensão e Evitamento de Perigo.

Na dimensão Envolvimento Contextual observa-se associações negativas com a dimensão Procura de Novidade ($r = -.290, p=.01$); Todavia, é de constatar que existe associações positivas com as seguintes dimensões do JTCI: Procura de Resposta ($r = .237, p=.01$); Persistência ($r = .370, p=.01$); Autodiretividade ($r = .361, p=.01$); Cooperação ($r = .382, p=.01$); e Autotranscendência ($r = .206, p=.01$); No entanto, não houve associações significativas entre esta dimensão e Evitamento de Perigo.

Por fim, a escala IESG Total encontra-se associada negativamente com a dimensão Procura de Novidade ($r = -.268, p=.01$); E apresenta associações positivas com a Procura de Resposta ($r = .250, p=.01$); Persistência ($r = .377, p=.01$); Autodiretividade ($r = .314, p=.01$); Cooperação ($r = .356, p=.01$); e Autotranscendência ($r = .211, p=.01$); Também de referir o facto de que não se observou associações significativas entre esta dimensão e Evitamento de Perigo, semelhantes às anteriores.

3.2 Correlação entre Idade e JTCI e Idade e ESG

Relativamente á idade dos adolescentes e se esta influência positivamente ou negativamente a personalidade e se a idade dos adolescentes poderá também influenciar positivamente ou negativamente o nível de envolvimento com a sustentabilidade global.

Pode-se afirmar que de acordo com esta investigação a idade dos participantes apresenta associações com o instrumento IESG-J, no qual evidencia-se associações negativas com o Envolvimento Emocional ($r = -.096, p=.05$), com o Envolvimento Comportamental ($r = -.215, p=.01$) que se encontra dentro da dimensão Individual, com o Envolvimento Escolar ($r = -.164, p=.01$), com o Envolvimento Individual ($r = -.163, p=.01$), com o Envolvimento Contextual ($r = -.146, p=.01$), que estão agrupadas na dimensão Contextual. E ainda, obteve-se associações negativas com o IESG Total ($r = -.186, p=.01$).

Não existe associações significativas entre a idade e as subdimensões seguintes: Envolvimento Cognitivo; Envolvimento Familiar; e Desejabilidade Social. Também de dizer, que não se observou associações estatisticamente significativas entre a idade e as dimensões da personalidade.

Tabela 7

Correlações com teste de Pearson entre o JTCI e o IESG

| Dimensões | NS | HÁ | RD | PS | SD | CO | ST | ECOG | EE | EC | EF | EES | DS | EI | ECO | IESG T |
|-----------------------------|---------|---------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| (NS) Procura de Novidade | | | | | | | | | | | | | | | | |
| (HA) Evitamento de Perigo | .132** | | | | | | | | | | | | | | | |
| (RD) Procura de Recompensa | -.189** | -.109* | | | | | | | | | | | | | | |
| (PS) Persistência | -.496** | -.157** | .239** | | | | | | | | | | | | | |
| (SD) Autodiretividade | -.548** | -.259** | .332** | .614** | | | | | | | | | | | | |
| (CO) Cooperação | -.565** | -.232** | .509** | .556** | .652** | | | | | | | | | | | |
| (ST) Autotranscendência | .094* | .041 | .047 | .045 | -.016 | .162** | | | | | | | | | | |
| (ECOG) Envolv. Cognitivo | -.258** | -.097 | .166** | .208** | .323** | .280** | -.009 | | | | | | | | | |
| (EE) Envolv. Emocional | -.235** | -.066 | .224** | .308** | .272** | .318** | .141** | .481** | | | | | | | | |
| (EC) Envolv. Comportamental | .034 | -.006 | .051 | .110* | -.073 | -.007 | .167** | -.088* | .375** | | | | | | | |
| (EF) Envolv. Familiar | -.467** | -.035 | .322** | .464** | .524** | .605** | .222** | .263** | .198** | -.184** | | | | | | |
| (EES) Envolv. Escolar | -.021 | .088* | .057 | .115** | .064 | .034 | .088* | .001 | .276** | .455** | -.091* | | | | | |
| (DS) Desejabilidade social | -.251** | -.066 | .169** | .443** | .387** | .336** | .069 | .087* | .162** | .074 | .355** | .109* | | | | |
| (EI) Envolv. Individual | -.183** | -.069 | .193** | .281** | .200** | .244** | .159** | .531** | .854** | .717** | .080 | .390** | .149** | | | |
| (ECO) Envolv. Contextual | -.290** | .056 | .237** | .370** | .361** | .382** | .206** | .153** | .355** | .287** | .503** | .814** | .301** | .386** | | |
| (IESG T) total | -.268** | -.023 | .250** | .377** | .314** | .356** | .211** | .454** | .781** | .651** | .295** | .665** | .249** | .900** | .749** | |

Nota: * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

Tabela 7.1

Correlações com teste de Pearson entre Idade, JTCI e IESG

| Dimensão | ECOG | EE | EC | EF | EES | DS | EI | ECO | IESG_T | NS | HA | RD | PS | SD | CO | ST |
|----------|------|--------|---------|-------|---------|-------|---------|---------|---------|-------|-------|-------|-------|------|------|-------|
| Idade | .014 | -.096* | -.215** | -.006 | -.164** | -.050 | -.163** | -.146** | -.186** | -.021 | -.021 | -.004 | -.007 | .061 | .036 | -.042 |

Nota: * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$

3.3 Diferenças de Género

A tabela seguinte (tabela 8) demonstra as diferenças de médias entre géneros do teste *t student* relativamente as dimensões do inventário de envolvimento com a sustentabilidade global (IESG) constituída pela dimensão contextual dividida pelas sub-dimensões apoio familiar, apoio escolar e dimensão individual dividida pelas sub-dimensões envolvimento cognitivo, experiência emocional e comportamental.

Existem diferenças entre os géneros dos participantes ao nível do envolvimento com a sustentabilidade global.

Na tabela 8, pode-se observar através dos valores que a hipótese de investigação, H2: Existem diferenças entre os géneros dos participantes ao nível do envolvimento com a sustentabilidade global, os adolescentes do género feminino apresentam níveis médios inferiores nas seguintes subdimensões; Envolvimento Comportamental ($M = 23.6793$, $DP = 6.41447$), e Envolvimento Escolar ($M = 30,2647$, $DP = 6.81718$).

E ainda, na tabela verifica-se que os adolescentes do género masculino apresentam níveis inferiores de envolvimento nas subdimensões Cognitiva ($M = 20.7469$, $DP = 4.52753$), Emocional ($M = 33.7242$, $DP = 5.74652$), Familiar ($M = 34.2727$, $DP = 4.27005$) e Desejabilidade Social ($M = 9.8955$, $DP = 1.78745$). E níveis inferiores de envolvimento nas dimensões Individual ($M = 79.3430$, $DP = 11.71728$), Contextual ($M = 64.5971$, $DP = 8.03387$), e na escala de IESG total ($M = 143.9401$, $DP = 16.81794$).

Ainda como demonstrado na tabela 8, encontram-se diferenças estatisticamente significativas entre géneros nas seguintes subdimensões do envolvimento; Cognitiva ($p = .022$, $p < .05$), Emocional ($p = .002$, $p < .05$), Familiar ($p = .00$, $p < .05$), Desejabilidade Social ($p = .011$, $p < .05$) e ainda diferenças estatisticamente significativas na dimensão contextual ($p = .001$, $p < .05$) do envolvimento e no IESG total ($p = .013$, $p < .05$).

Não foram encontradas associações estatisticamente significativas entre o IESG e género nas subdimensões seguintes: Envolvimento Comportamental, Envolvimento Escolar e Envolvimento Individual.

Tabela 8.

Teste t Student para diferenças de médias entre o género ao nível das dimensões do IESG

| Dimensão | Masculino | | | Feminino | | | t | P |
|------------|-----------|----------|----------|----------|----------|----------|--------|-------------|
| | N | M | DP | N | M | DP | | |
| ECOG | 171 | 20.7469 | 4.52753 | 232 | 21.7244 | 3.70513 | 2.31 | .022 |
| EE | 171 | 33.7242 | 5.74652 | 232 | 35.4747 | 5.53060 | 3.07 | .002 |
| EC | 171 | 24.8719 | 6.96733 | 232 | 23.6793 | 6.41447 | 1.756 | .080 |
| EF | 171 | 34.2727 | 4.27005 | 232 | 37.0019 | 4.03574 | -6.490 | .000 |
| EES | 171 | 30.3244 | 6.41615 | 232 | 30.2647 | 6.81718 | .090 | .928 |
| DS | 171 | 9.8955 | 1.78745 | 232 | 10.3628 | 1.87566 | -2.54 | .011 |
| EI | 171 | 79.3430 | 11.71728 | 232 | 80.8784 | 11.66798 | -1.302 | .194 |
| ECO | 171 | 64.5971 | 8.03387 | 232 | 67.2666 | 8.14800 | -3.277 | .001 |
| IESG total | 171 | 143.9401 | 16.81794 | 232 | 148.1450 | 16.48469 | -2.502 | .013 |

Nota: * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$; N-Total; M-Média; D-Desvio Padrão

4 Discussão dos resultados

O presente estudo assumiu como objetivo compreender a relação entre a Personalidade e o envolvimento com a Sustentabilidade Global em jovens adolescentes da região norte do país.

A pertinência do estudo deve-se ao facto de que a relação entre a Personalidade e o Envolvimento dos jovens com a Sustentabilidade é um tema que não foi estudado em Portugal através do modelo explicativo de Cloninger. E por essa razão, achou-se pertinente e necessária uma investigação que abordasse tal assunto, de forma a suscitar interesse a outros investigadores para futuros estudos.

H1: A Personalidade e o Envolvimento com a Sustentabilidade Global estão correlacionadas

Efetivamente, pode-se concluir que a H1 foi confirmada através dos dados recolhidos. A Personalidade e o Envolvimento com a Sustentabilidade Global estão associados, visto ter-se observado que a maioria das associações entre as duas variáveis serem estatisticamente significativas. No entanto, a dimensão da personalidade, Evitamento de Perigo, não demonstra associações estatisticamente significativas com o IESG-T. De seguida, irá ser feita uma discussão mais pormenorizada acerca destas associações.

Com esta informação é possível dizer que indivíduos que gostam de explorar situações novas, que demonstram ser curiosos, entusiasmados, facilmente entediados e impulsivos (altos níveis de procura de Novidade) apresentam menos crenças e expectativas com a sustentabilidade. Também apresentam menos experiências emocionais relacionadas a este tema e acreditam que a família não se encontra sensível a esta causa. Todavia, acham que a sociedade não espera que promovam comportamentos mais sustentáveis. Por último, é de referir que estão menos sensíveis às influências das relações interpessoais que os rodeia. O que pode ser explicado através da impulsividade destes sujeitos em compreender o verdadeiro significado da sustentabilidade e as suas consequências.

Através da informação recolhida foi possível constatar que os adolescentes que se caracterizam por serem mais cautelosos, cuidadosos, apreensivos, ou até nervosos, tímidos, duvidosos, inseguros, sensíveis a críticas e punições (altos níveis de Evitamento de Perigo), normalmente acham que a escola e os professores estão sensíveis ao tema

sustentabilidade, e que tanto os professores ou a própria escola potencia ações neste sentido.

Os indivíduos que estão mais sensíveis ao que os rodeia, gostam de interagir socialmente e demonstram boa compreensão dos sentimentos (altos níveis de Procura de Recompensa) são descritos como sujeitos que apresentam fortes convicções acerca da sustentabilidade, já tiveram experiências emocionais face às ideologias sustentáveis, percebem que a família ajuda e promove as boas práticas e acreditam que fazem isto porque a sociedade espera que tenham condutas que ajudem o planeta.

Os indivíduos que se caracterizam como trabalhadores, persistentes e gostam de se voluntariar por causas nobres (altos níveis de Persistência), são também os que se envolvem mais com as questões da sustentabilidade e apresentam ideias e percepções sobre esta. São descritos como adolescentes que já desfrutaram de emoções favoráveis e práticas mais notáveis através do seu envolvimento com a sustentabilidade. A influência das suas famílias, da escola e da própria sociedade são fundamentais para o envolvimento destes sujeitos com a sustentabilidade. É de realçar que a Persistência é a dimensão que apresenta mais associações com o instrumento que avalia a sustentabilidade, estando associado na sua totalidade com as subdimensões do IESG.

Aqueles sujeitos que são distinguidos por serem mais maduros e responsáveis no seu dia-a-dia e que demonstram serem autossuficientes (altos níveis de Autodiretividade), têm normalmente mais conhecimentos acerca da sustentabilidade ambiental, uma vez que estão ligados emocionalmente através de experiências e a família é vista pelo indivíduo como promotora de ações que favorecem o envolvimento mais sustentável do indivíduo. Este envolvimento, pode ser bem explicado pela influência que a sociedade e o que as normas de boa conduta ditam.

Também, é de notar que os sujeitos empáticos, tolerantes e que gostam de cooperar estão mais dispostos a compreender as necessidades dos outros e as suas próprias necessidades (altos níveis de Cooperação). Estes caracterizam-se por terem crenças e expectativas elevadas acerca da sustentabilidade, experienciando momentos emocionalmente satisfatórios, em que a família e a sociedade são dos fatores que mais promove o envolvimento com a sustentabilidade.

Os indivíduos despreziosos, pacientes, criativos, altruístas e que estão mais recetivos espiritualmente, parecem tolerar ambiguidades e incertezas. Estes são humildes e

modestos (altos níveis de Autotranscendência) e estão mais ligados com a sustentabilidade através das suas ações físicas, em que tanto as suas famílias como a própria escola são agentes promotores destas ações.

H2: Existem diferenças entre géneros dos participantes ao nível do envolvimento com a Sustentabilidade Global.

No decorrer da investigação foi possível confirmar a hipótese H2, que sugere a existência de diferenças no Envolvimento com a Sustentabilidade Global dos adolescentes quanto ao género. Ainda como demonstrado encontram-se diferenças estatisticamente significativas entre géneros nas seguintes subdimensões do envolvimento; Cognitiva Emocional, Familiar, Desejabilidade Social e ainda diferenças estatisticamente significativas na dimensão contextual do envolvimento e no IESG total. De referir que não foram encontradas diferenças significativas no Envolvimento Comportamental, E. Escolar e E. Individual.

Os indivíduos do sexo feminino envolvem-se mais com a sustentabilidade tal como no estudo de Tuncer, Ertepinar, Tekkaya e Sungur no qual concluíram que o sexo feminino tinham pontuação média mais alta que os do sexo masculino em cada dimensão. Indicando que estavam mais conscientes dos problemas ambientais, tinham mais responsabilidade ambiental e envolviam-se individualmente com os problemas ambientais nacionais (2005). No presente estudo é observado quando há valores superiores no IESG Total (IESG T > Feminino).

Mais detalhadamente, os valores superiores do sexo feminino indicam que **as adolescentes envolvem-se mais individualmente com o tema (EI)**, O autor Loughland num estudo, em 2003, enfatiza a diferença de género como uma das fatores importantes que influenciam as conceções do meio ambiente dos jovens (Tuncer, Ertepinar, Tekkaya & Sungur, 2005). **E permitem com mais facilidade que as relações interpessoais influenciem as experiências associadas à sustentabilidade (ECO)**. Também, **têm mais crenças, expetativas e locus de controlo (ECOG)**, como demonstrado através da literatura em que consideravam as mulheres como as principais responsáveis pela coleta de alimentos e água, proporcionando assim conhecimento experiencial sobre esses recursos (Sundberg 2004 cit in Meinzen-Dick, Kovarik & Quisumbing, 2014), **mais experiência emocional (EE)**, **maiores níveis de perceção acerca do grau em que a família é sensível e apoia a temática (EF)** e por último, **maiores níveis de perceção acerca do que é**

esperado dele na promoção de comportamentos adaptativos ao contexto (DS) tal como o estudo de De Beauvoir (1953) veem as mulheres como seres que estão mais relacionados com a natureza, por estarem relacionadas à reprodução humana (cit in Ortner, 1972).

Porém, verificou-se que os participantes do género feminino apresentaram níveis inferiores na subdimensão comportamental e na subdimensão escolar. Esta informação diz que apesar dos indivíduos do sexo feminino terem valores superiores aos do sexo masculino nas restantes dimensões, **estas têm menos ações relacionadas com a sustentabilidade (EC)**, no qual os dados podem ser explicados no sentido de que as mulheres estão menos relacionadas às ações físicas, ficando assim esta tarefa para o sexo masculino, que como estereotipo, apresentam mais força e habilidades (Colfer, 2013 cit in Meinen-Dick, Kovarik & Quisumbing (2014). Também é de salientar que mostram **menores níveis de perceção do que os indivíduos do sexo masculino, acerca do grau em que a escola e os professores promovem e abordam este tema (EES)**. A escola desempenha um papel importante na formação dos alunos sobre o meio ambiente (Ertepinar, Tekkaya e Sungur, 2005).

Por consequente, no género masculino, apurou-se com esta investigação que apresentaram níveis inferiores no IESG Total, nas dimensões Individual e Contextual e subdimensões Cognitiva, Emocional, Familiar e Desejabilidade Social e tiveram níveis superiores nas subdimensão comportamental e na subdimensão escolar.

H3: A idade está positivamente correlacionada com o nível de envolvimento com a sustentabilidade global

No que respeita à hipótese H3, o presente estudo indica que a idade está correlacionada negativamente com o nível de envolvimento com a sustentabilidade global (a idade está associada negativamente ao IESG Total), ou seja, quanto maior a idade menor é o envolvimento com as questões de sustentabilidade global. Por outras palavras, os indivíduos mais novos relacionam-se mais com a sustentabilidade global do que os jovens mais velhos.

Com a atual investigação e de forma mais detalhada, sugere-se que a idade apresenta associações negativas com o Envolvimento Emocional, na medida em que **quanto maior é a idade menor são as experiências emocionais dos adolescentes relacionadas com a sustentabilidade**.

Neste estudo foi possível ainda apurar associações negativas entre a idade e o Envolvimento Comportamental, que indica que **quanto maior é a idade do adolescente menos ações sustentáveis realiza.**

Foi possível verificar associações negativas entre a idade e o Envolvimento Escolar. Com esta informação, ficou-se a saber que os jovens mais velhos apresentam uma menor percepção acerca do grau em que a escola é sensível, promove e aborda as questões de sustentabilidade. De forma mais simples, **conforme a idade avança nos jovens, percebe-se que estes acreditam que a escola não incida neste tema com tanta frequência como quando eram mais novos.**

Foi possível verificar associações negativas entre a idade e o Envolvimento Individual. Face a esta conclusão, pode-se dizer que a idade está relacionada à forma com que cada adolescente se envolve com a sustentabilidade, ou seja, **adolescentes mais velhos envolvem-se menos com a sustentabilidade.**

Entre a idade e o Envolvimento Contextual, semelhante às conclusões anteriores, obteve-se associações negativas. Com isto, sugere que **quanto mais idade os jovens têm, menor é a influência das relações interpessoais nas experiências relacionadas com a sustentabilidade global.**

Por fim, não foram observadas associações estatisticamente significativas entre a idade e as subdimensões Envolvimento Cognitivo; Envolvimento Familiar; e Desejabilidade Social. Entre a personalidade e a idade, de acordo com a informação encontrada no estudo, não se evidencia associações estatisticamente significativas.

Conclusão

Os problemas ambientais vêm sendo discutidos em todo o mundo há vários anos, porém em pequena escala e por essa razão houve um interesse crescente em estudar as duas variáveis e perceber quais as associações e principais conclusões que poderia surgir.

A investigação direcionada para o conhecimento da personalidade no que se relaciona com o envolvimento dos jovens com a SA ainda é escassa, sobretudo no nosso país. O estudo do envolvimento dos jovens com a sustentabilidade e de que forma podemos prever este de acordo com a personalidade é um tema que já foi abordado em alguns países tal como já foi referido anteriormente, contudo em Portugal não há nenhum estudo, do nosso conhecimento, que avalie esta relação através do modelo Psicobiológico de Cloninger. A presente investigação procura trazer uma novidade no campo da investigação, e suscitar interesses para futuros estudos.

A partir da revisão bibliográfica constatou-se a existência de relações entre a personalidade e o envolvimento dos jovens com a sustentabilidade global. E por essa razão, torna-se interessante a realização deste estudo com a população portuguesa.

No que respeita á questão de investigação deste estudo “As dimensões de personalidade estão correlacionadas com as de envolvimento com a sustentabilidade global em adolescentes?”, afirma-se que de acordo com os dados recolhidos, existem dimensões de personalidade que estão relacionadas com as do envolvimento dos jovens com a sustentabilidade. E das diversas dimensões a Procura de Novidade, Procura de Recompensa, Persistência, Autodiretividade, e ainda Cooperação e Autotranscendência são as que apresentam maior relação.

Limitações do estudo

Este estudo apresenta algumas limitações, nomeadamente ao nível da amostra que foi não-probabilística e de conveniência o que limita a possibilidade de generalização.

Uma outra limitação deste estudo está relacionada com a escassa abrangência demográfica. A amostra foi recolhida por conveniência tendo-se centrado essencialmente na zona norte do país.

Implicações na prática

É de extrema importância conhecer os nossos adolescentes sendo que são o futuro da nação, e por isso torna-se importante conhecer o seu envolvimento com as questões da sustentabilidade global uma vez que tem consequências diretas para o futuro do nosso planeta.

O estudo atual apoia a importância do estudo da personalidade em relação a atitudes ambientais, e fornece um quadro útil para investigações mais direcionadas nos processos subjacentes a essas relações.

Torna-se importante replicar o estudo com cobertura total do nosso país. E de forma a serem estudos mais interessantes do ponto de vista da comparação de indivíduos, sugere-se para futuros estudos, a comparação de culturas diferentes com objetivo de avaliar a consistência de resultados.

5 Referências Bibliográficas

- Alves, T.L.B & Azevedo, P.V. (2013). *Caracterização dos efeitos da seca no semiárido Paraibano*. In: Expedição do Seminário. Artigos científicos premiados. Disponível em: <http://expedicaoosemiarido.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Artigo-Telma.pdf>. Consultado em: 15 agosto de 2017.
- Andrigueto, A. C. (2012). *Sustentabilidade na periferia de São Luís (MA): a experiência da ONG Pegadas Brasil com jovens em Itaqui-Bacanga*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília.
- Barber, N., Taylor, C., & Strick, S. (2009). Wine consumers' environmental knowledge and attitudes: Influence on willingness to purchase. *International Journal of Wine Research*, 1(1), 59-72.
- Batista, I. H., & Albuquerque, C. D. (2007). Desenvolvimento sustentável: novos rumos para a humanidade. *Revista Eletrônica Aboré*, 3, 10-24.
- Bennett, P. & Sattler, M. A. *Indicadores de sustentabilidade em habitação popular*. In: X Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído (ENTAC). São Paulo, 2004.
- Bernaudo, J. (2000). *Métodos de avaliação da personalidade*. Lisboa: Climepsi Editores
- Canuto, F. B. (2015). *Concepção e prática docente da educação e sustentabilidade ambiental na Educação de Jovens e Adultos*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Aberta do Brasil, Brasília.
- Cardoso, A. J. M., & Cairrão, A. M. C. L. (2007). Os jovens universitários e o consumo sustentável: A sua influência na compra de produtos ecológicos. *Revista da Faculdade de Ciência e Tecnologia*, (4), 124-135.
- Carvalho, S. P. M., & Trovisqueira, A. M. (2013). *A personalidade na etiologia e progressão da doença física*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa, Braga.
- Caspi, A., Roberts, B. W., & Shiner, R. L. (2005). Personality development: Stability and change. *Annual Review of Psychology*, 56, 453-484.

- Chiuzi, R. M., Peixoto, B. R. G. P. & Fusari, G. L. (2011). Conflito de gerações nas organizações: um fenômeno social interpretado a partir da teoria de Erik Erikson. *Temas em Psicologia*, 19 (2), 579 – 590.
- Cloninger C. R, Svrakic D.M, Przybeck T.R (2003). A Psychobiological model of temperament and character: TCI. In *Yeni Symposium*, 41 (2), 86-97.
- Cloninger, C. R. (1994). Temperament and personality. *Current opinion in neurobiology*, 4(2), 266-273.
- Cloninger, C. R. (2008). The psychobiological theory of temperament and character: Comment on Farmer and Goldberg (2008). *Psychological Assessment*, 20, 292–299.
- Cloninger, C.R., Svrakic, D. M. & Przybeck, T. R. (1993). A Psychobiological Model of Temperament and Character. *Arch Gen Psychiatry*, 50 (12), 975-990.
- Cloninger, S. C. (1999). *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Correia, C. J. D. S. (2017). *Infográficos e a mobilização de jovens acerca de questões socioambientais: reflexões desde uma comunidade de aprendizagem na rede social facebook*. (Dissertação de Mestrado). Universidade federal de Alagoas, Maceió.
- Cruz, M., Santos, L., R. & Rodrigues, L. P. (2016). O autoconceito e auto-estima de adolescentes praticantes de modalidades náuticas. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 17(3).
- De deus, E. G. S. Q., Afonso, B. P. D., & Afonso, T. (2014). Consciência Ambiental, Atitudes e Intenção de uso das Sacolas Plásticas Não-Recicláveis. *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade-GeAS*, 3(1), 71-87.
- De educação, A. P. A. (2017) *Educação Pré-Escolar Ensino Básico (1.º, 2.º e 3.º ciclos) Ensino Secundário*. Ministério da educação.
- De Fruyt, F., Van De Wiele, L., & Van Heeringen, C. (2000). Cloninger's psychobiological model of temperament and character and the five-factor model of personality. *Personality and individual differences*, 29(3), 441-452.
- Dias, A. C. G. (2009). *O Relato da Sustentabilidade Empresarial: práticas em Portugal*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Aberta, Portugal.

- Dos Anjos, R. E. (2014). O papel da educação escolar no desenvolvimento da personalidade do adolescente. *Nuances: estudos sobre Educação*, 25(1), 228-246.
- Dos Anjos, R. E. (2014). O papel da educação escolar no desenvolvimento da personalidade do adolescente. *Nuances: estudos sobre Educação*, 25(1), 228-246.
- Ferreira, M., & Nelas, P. B. (2016). Adolescências... Adolescentes... *Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health*, (32), 141-162.
- Galvão, C. (2007). Práticas de pesquisa em educação ambiental em diferentes espaços institucionais-educação ambiental em Portugal: investigação sobre as práticas. *Pesquisa em educação ambiental*, 2(1), 95-110.
- Gawęda, Ł., & Kokoszka, A. (2014). Meta-cognitive beliefs as a mediator for the relationship between Cloninger's temperament and character dimensions and depressive and anxiety symptoms among healthy subjects. *Comprehensive psychiatry*, 55(4), 1029-1037.
- Gorni, P. M., Gomes, G., & Dreher, M. T. (2012). Consciência ambiental e gênero: os universitários e o consumo sustentável. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 6(2), 165-179.
- Hall, C.S., Lindzey, G. & Campbell, J.B. (2000). *Teorias da Personalidade*. (4ª Ed).Lisboa: Climepsi.
- Hansennel, M. (2003). *As Teorias da Personalidade*.Lisboa: Climepsi.
- Jacobi, P. (2003). Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, (118), 189-205.
- Josefsson, K., Jokela, M., Cloninger, C. R., Hintsanen, M., Salo, J., Hintsala, T., et al. (2013). Maturity and change in personality: developmental trends of temperament and character in adulthood. *Dev. Psychopathol.* 25, 713–727. doi: 10.1017/S0954579413000126
- Kose, S. (2003). Psychobiological Model of Temperament and Character: TCI. *Yeni Symposium*, 41 (2), 86-97.
- Lopes, C (2013). *Sistema de indicadores de desenvolvimento sustentável local: estudo de caso no concelho de Abrantes*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Aberta, Lisboa.

- Lubi, L. (2002). *Estilo parental e comportamento socialmente habilidoso da criança com pares*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Paraná
- Luby JL, Svrakic, D.M., McCallum, K., Przybeck, C., Cloninger, C.R. (1999). The Junior Temperament and Character Inventory: preliminary validation of a child self-report measure. *Psychological Reports*, 84, 1127-38.
- Magalhães C, António J., Lima C., & Álvaro. C. (2007). Os jovens universitários e os consumos sustentáveis. A sua influência na compra de produtos ecológicos. *Revista Da Faculdade De Ciência E Tecnologia*, (4), 124-135.
- Marques, N. F. D. S. (2011). *A qualidade de vida de adolescentes com cegueira congénita ou precoce em Portugal: Implicações na construção da personalidade e da vida adulta*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Mateus, R. (2009). *Avaliação da sustentabilidade na construção: propostas para o desenvolvimento de edifícios mais sustentáveis*. (Tese de Doutorado). Universidade do Minho.
- Meinzen-Dick, R., Kovarik, C., & Quisumbing, A. R. (2014). Gender and sustainability. *Annual Review of Environment and Resources*, 39.
- Milfonte, T. & Sibley, C. (2012). The big five personality traits and environmental engagement: Association at the individual and societal level. *Journal of environmental Psychology*, 12, 187-195.
- Monteiro, P. R., Veiga, R. T., & Gonçalves, C. A. (2009). Previsão de comportamentos de consumo usando a Personalidade. *RAE - Eletrônica*, 8(2), 1-26.
- Montero, I., & León, O. G. (2007). A guide for naming research studies in Psychology. *International Journal of clinical and Health psychology*, 7(3), 847-862.
- Moreira, P. (2017). *Inventário de envolvimento com a sustentabilidade global (IESG)*. Versão experimental: CIPD e Fundação Calouste Gulbenkian
- Moreira, P. A., Cloninger, C. R., Rocha, M. J., Oliveira, J. T., Ferreira, N., Gonçalves, D. M., & Rózsa, S. (2017). The Psychometrics of the European Portuguese Version of the Temperament and Character Inventory-Revised. *Psychological Reports*, 0(0) 1–22.

- Moreira, P.A., Oliveira, J.T., Cloninger, K.M., Azevedo, C., Sousa, A., Castro, J. & Cloninger, C.R. (2012). The psychometrics and validity of the junior temperament and character inventory in Portuguese adolescents. *Comprehensive Psychiatry*, 53, 1227–1236
- Ortner SB. (1972). Is female to male as nature is to culture? *Fem. Stud.* 1(2):5–31
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. 8ª edição. Amadora: McGraw Hill.
- Passos, P. N. C. (2009). A conferência de Estocolmo como ponto de partida para a proteção internacional do meio ambiente. *Direitos fundamentais e democracia*, 6, 1-25.
- Paulatti, L., & Portugal, H. (2015). Sustentabilidade – A busca por consciências ecológicas. *Etic- encontro de iniciação científica 21-76-8498*, 7(7).
- Paulatti, L., & Portugal, H. (2015). Sustentabilidade – A busca por consciências ecológicas. *Etic- encontro de iniciação científica 21-76-8498*, 7(7).
- Penna, C. G. (1999). *O estado do planeta: Sociedade de consumo e degradação ambiental*. Rio de Janeiro: Record.
- Pinto, M., Macedo, P., Silva, M., & Vieira, S. (2007). *Ecoclubes: os jovens, a cidadania e o desenvolvimento sustentável*. Disponível em: https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/5416/1/com-nac_2005_ESB_3_pinto_marta_12.pdf. Consultado em: 22 Setembro de 2017.
- Quadrado Closs, L., & Antonello, C. S. (2014). Teoria da aprendizagem transformadora: contribuições para uma educação gerencial voltada para a sustentabilidade. *Revista De Administração Mackenzie*, 15(3), 221-252. doi:10.15348/1678-6971
- Rull, V. (2011) Sustainability, capitalism and evolution: nature conservation is not a matter of maintaining human development and welfare in a healthy environment. *EMBO*, 12, (2), 103-106.
- Santos, E. S., & Brêtas, A. C. P. (2013). Ensinando e aprendendo educação ambiental com jovens. *Revista Ciência em Extensão*, 9(3), 82-93.

- Schaltegger, S., & Hörisch, J. (2017). In search of the dominant rationale in sustainability management: legitimacy-or profit-seeking?. *Journal of Business Ethics*, 145(2), 259-276.
- Schmidt, L. & Guerra, J. (2010). Da governança global à sustentabilidade local: Portugal e o Brasil em perspetiva comparada. *Revista de Ciências Sociais*, 41 (2), 106-124.
- Schultz, D. & Schultz, S. E. (2002). *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Cengage Learning.
- Serra, J. D. (2006). *Carácter y Temperamento: similitudes y diferencias entre los modelos de personalidad de 7 y 5 factores*. Tese de doutorado não publicada, Universidade de Lleida, Lleida.
- Silva, V. M. (2011). O princípio da solidariedade intergeracional: um olhar do Direito para o futuro. *Veredas do Direito*, 8 (16), 115-146.
- Teixeira, M. & Lopes, F. (2005). Relações entre estilos parentais e valores humanos: um estudo exploratório com estudantes universitários. *Aletheia*, (22), 51-62.
- Tuncer, G., Ertepinar, H., Tekkaya, C., & Sungur, S. (2005). Environmental attitudes of young people in Turkey: Effects of school type and gender. *Environmental Education Research*, 11(2), 215-233.
- Vayer, P., & Roncin, C. (1988). *Psicologia Actual e Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Veríssimo, R (2000). *Personalidade: Conhecer as pessoas*. (1ª ed.). Porto: Faculdade de Medicina do Porto.
- Veríssimo, R. (2008). Modelo psicobiológico da personalidade: dimensões de Temperamento e Carácter. *Arquivos de Psiquiatria*, 61-73.